



BOLETIM INFORMATIVO

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

Ano LVIII | Nº 3 | setembro a dezembro 2023





ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA
SÃO VICENTE DE PAULO
FILHAS DA CARIDADE

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

Boletim Informativo das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

Setembro a dezembro **2023**

PALAVRA DA VISITADORA	04
FORMAÇÃO PERMANENTE	
- Homilia em Aparecida: 400 anos do Pentecostes de Santa Luísa de Marillac.....	07
- Nossa Senhora da Missão	10
A IGREJA	
- Inteligência artificial e a Igreja.....	16
COM A PALAVRA, NOSSAS IRMÃS	
- Sessão Internacional de revigoramento espiritual e vicentino para Irmãs de 7 a 10 anos de Vocação	50
- Estágio de Votos – Curitiba 2023	53
NOTÍCIAS	
- Encontro Interprovincial de Irmãs até 15 anos de Vocação: Luz de Pentecostes: escutar, discernir, partir	56
- Reunião Anual da Província	61
- Encontro das Irmãs Jubilares	62
- Romaria ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida	65
- Festa de Nossa Senhora das Graças	67
- Educação Vicentina para toda a Vida: 170 anos de presença no Rio de Janeiro	70
NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI	72
SOLIDARIZANDO-NOS COM AS NOSSAS IRMÃS NA DOR	74

PALAVRA DA IRMÃ VISITADORA

Irmã Selma Aparecida dos Santos, fc

“O amor efetivo é o exercício das obras de caridade, o serviço aos pobres assumido com alegria, coragem, constância e amor.” (São Vicente de Paulo)



Chegando ao final de mais um ano, podemos render graças ao Senhor por tudo que Ele em sua bondade e misericórdia nos concedeu viver e experimentar. Os dias passam depressa e precisamos prestar atenção às inspirações do Espírito para que nossos passos sejam fecundos, produzam frutos e sigam apressados em direção à realização da vontade de Deus em nossa vida. São muitos os caminhos que se abrem para nós, os desafios se multiplicam e em cada um deles podemos encontrar as sementes do Verbo que nos provoca a responder com amor e generosidade aos apelos dos Pobres.

Este ano foi marcado pela abertura do Ano Jubilar da Luz de Pentecostes, experiência que fala alto ao coração de cada uma de nós, Filhas da Caridade, e, para a Companhia, um ano de graça. Tivemos a alegria de acompanhar no dia 04 de junho de 2023, a entrega da relíquia da Luz de Pentecostes, manuscrito que relata a experiência do Espírito vivida por Santa Luísa de Marillac no dia 04 de junho de 1623. *“O 400º aniversário da Luz de Pentecostes é, de fato, uma luz do Espírito concedida à Santa Luísa e transmitida de geração em geração, nos oferece uma oportunidade maravilhosa de rezar com Santa Luísa, de rezar juntas e de rezar para que possamos identificar o que é essencial para hoje, no mundo, na Igreja e, em particular, com nossos irmãos e irmãs que sofrem. A releitura da vida de Santa Luísa e de seus escritos não nos faz voltar ao passado, mas nos incentiva a guardar o significado de seu pensamento e de sua ação para criar algo novo nos dias*

atuais. Para fazer isso, é preciso criar as condições necessárias” (Ir. Françoise Petit).

Como parte da celebração do Ano Jubilar e em inspiração à Luz de Pentecostes, a Província do Rio do Janeiro, em parceria com os Padres da Congregação da Missão e outros Ramos da FAMVIN, desenvolveu um projeto colaborativo, em resposta prática às condições precárias de oito famílias que residiam em condições desumanas e de risco à saúde. Estas famílias ocupavam um terreno abandonado, no bairro de Sepetiba, RJ, abrigando-se em pequenos barracos, em situação de pobreza extrema. Tocada por esta realidade, a Família Vicentina uniu forças e deu início, em nossa Província, ao ‘Projeto 13 Casas’, que tem por finalidade proporcionar moradia digna aos pobres e promover a inclusão social de pessoas sem teto em diversas partes do mundo. A inspiração para este projeto remonta ao ano de 1643, quando São Vicente de Paulo empregou o valor recebido de uma doação na construção de 13 pequenas casas para abrigar famílias pobres e crianças abandonadas.

Nossa Província ao participar deste projeto teve a graça de compartilhar das dores dos pobres e, durante um longo tempo, acompanhar a construção do sonho destas famílias de ter um novo lar, um abrigo seguro e digno. No dia 27 de setembro foram entregues as primeiras casas a seis famílias e no dia 18 de dezembro mais 2 casas e um galpão, local onde estarão realizando sua atividade de reciclagem.

Deus seja louvado por esta iniciativa e por nos conceder a graça de servir e cuidar dos pobres, dando-lhes nossa atenção, nosso apoio e solidariedade! Que o Ano Jubilar continue impulsionando-nos a novos projetos e iniciativas de proximidade de vida e coração junto aos pobres, sendo presença profética nas diversas realidades e obras, realizando ações com e junto aos pobres, promovendo com eles a Vida e a esperança de um mundo melhor, mais justo e fraterno para todos.

Outro aspecto importante que a Luz de Pentecostes nos faz lembrar é o serviço aos pobres realizado em Comunidade. A comunidade é também uma inspiração do sopro do Espírito na experiência de Santa Luísa de Marillac. Viver como Irmãs que Deus chamou e reuniu por um único ideal. Qual tem sido nosso testemunho e nosso esforço na construção da vida comunitária e fraterna e qual a contribuição deste aspecto de nossa vida na missão que nos foi confiada?

Este ano a Igreja também nos convidou a recordar e a agradecer o dom da nossa vocação como graça e missão. A gratidão nos proporciona mais leveza ao

coração e nos aproxima de Deus e dos Pobres. Como gesto de reconhecimento e gratidão a Deus por tudo o que Ele nos proporcionou viver neste Ano Jubilar, nos reunimos numa grande e festiva celebração no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte, para agradecermos à nossa Mãe querida, a sua proteção maternal sobre a Companhia nestes 400 anos de história. Este encontro fraterno aconteceu no dia 11 de novembro, contando com a presença de 170 Irmãs das seis Províncias do Brasil. Foi um verdadeiro testemunho de unidade, fraternidade e de alegria.

Minhas Irmãs, a celebração deste ano Jubilar continua até junho de 2024, portanto, não percamos de vista o sonho de Deus para a Companhia. Deixemo-nos conduzir pela graça do Espírito para, cada vez mais, sermos instrumentos do amor e da ternura de Deus, no testemunho da comunhão fraterna e no serviço realizado com alegria, coragem, constância e amor.



FORMAÇÃO PERMANENTE

● HOMILIA EM APARECIDA: 400 ANOS ● DO PENTECOSTES DE SANTA LUÍSA DE MARILLAC

Dom Amilton Manoel da Silva, CP

Quero saudar as Irmãs Filhas da Caridade aqui presentes na Basílica Nacional, e em particular, a Irmã Ana, Conselheira Geral e as Superiores provinciais das províncias brasileiras, aqui presentes. Saúdo você, querido romeiro presente na casa da Mãe Aparecida. Estar na casa da Mãe é sempre motivo de festa e de alegria.



Já estamos no 32º domingo do tempo comum, nos aproximando do final do ano litúrgico, e a Palavra de Deus vem marcada pelo pensamento do “fim” e faz um apelo à vigilância para a grande chegada do Senhor que vem. A 1ª leitura (Sb 6,12-16) louva a busca da Sabedoria proveniente de Deus e ordenada ao serviço. Esta Sabedoria torna prudentes os homens e as mulheres, ensinando-lhes a não desperdiçar a vida em coisas vãs, e sim a empenhá-la no serviço divino à espera de Deus. Na 2ª Leitura (1Ts 4,13-18), Paulo adverte que a vida terrena não termina no vazio, mas no encontro com Cristo, que virá para concluir a história humana. A morte nos introduzirá nas núpcias eternas, onde estaremos sempre com o Senhor.

O Evangelho (Mt 25,1-13), sob a figura de núpcias, apresenta as relações entre Deus e o ser humano. O Filho de Deus desposou a humanidade ao encarnar-se. Depois consumou estas núpcias na cruz com que remiu a humanidade e os ligou a si, reunindo-os na Igreja, sua mística esposa. Assim, a existência é uma vigilante espera do esposo, ocupada em boas obras, que são o óleo que alimenta a lâmpada da fé. As virgens providentes, atentas aos sinais dos tempos, representam o cristão que acendeu um dia a chama da fé no Batismo, e continua alimentando essa fé, com a oração, com os sacramentos, com a Palavra de Deus e a caridade... Buscando fidelidade a Deus, sempre atento às vindas do Cristo... As virgens imprudentes são o contrário de tudo isso. E a Parábola conclui: “Portanto ficai vigiando, pois não sabeis qual será o dia, nem a hora...” Cristo, o esposo, não virá apenas na morte, no fim do mundo, mas ele vem todos os dias... Temos sido vigilantes?

O tema desta liturgia expressa muito bem este ano jubilar celebrado pelas Irmãs Filhas da Caridade: o quadricentenário, ou seja, os 400 anos, da Luz de Pentecostes de Santa Luísa de Marillac, a co-fundadora das Filhas da Caridade.

A vigilância. A vigilância não se acomoda, não se detém num único olhar ou parâmetro; uma imagem simbólica da vigilância é da sentinela, que não dorme, seu olhar perpassa todos os ruídos, todas as imagens, nada passa despercebido... Santa Luísa já tinha uma vocação definida, era esposa e mãe; uma mulher de fé, vigilante pois, mesmo tendo abraçado uma vocação específica, tinha consciência de que o “mais” do serviço e do amor a Deus não podia jamais ser reduzido. Vigiar, para Luísa, era deixar-se surpreender por Deus a cada instante. Foi nessa busca e abertura à novidade divina, que ela, entrou na Igreja de São Nicolau dos Campos, em Paris, na festa de Pentecostes, dia 4 de junho de 1623.

Luísa se abriu à inspiração do Espírito Santo e dali teve início uma caminhada espiritual e missionária. Naquele dia, o carisma das Filhas da Caridade, sob o véu do mistério se deixava contemplar. O relato da santa expressa essa visão-realidade: *“Fui aconselhada... que chegaria um tempo em que eu estaria em condições de fazer votos de pobreza, castidade e obediência e que eu estaria em uma pequena comunidade onde outros fariam o mesmo”*. A vigilância sabe esperar o tempo de Deus... porque permanece carregada de esperança, confiança e abandono Naquele que não decepciona. Mais tarde, Vicente de Paulo e Luísa de Marillac se tornaram amigos próximos, confidentes e colaboradores no ministério. A Luz de Pentecostes é o início de uma jornada que levou Santa Luísa, juntamente com São Vicente de Paulo, a fundar a Companhia das Filhas da Caridade em 1633, 10 anos depois do episódio de Pentecostes.

A “Luz de Pentecostes” trouxe para essa mulher, paz e a indicação de sua futura vocação; Deus iluminou seu coração, e suas dúvidas desapareceram. Queridas Irmãs, ao longo desses 400 anos, o Espírito tem vos conduzido, como iluminou e conduziu Santa Luísa, em duas dimensões explícitas: no chamado e no SIM de cada Irmã e no carisma da Congregação que, pelo exercício da caridade, tem provocado toda a Igreja na vivência do mandamento maior que Jesus nos deixou: O amor a Deus que se manifesta no amor ao próximo, a caridade.

Com lâmpadas acesas: A Luz de Pentecostes, que se tornou nas mãos de Santa Luísa, uma chama esplendorosa, como das virgens prudentes do evangelho, foi expandindo o seu clarão ao longo da história, resplandecendo, sobretudo em ousadia e profecia. Luísa rompeu com o único modelo de vida religiosa feminina até então (de clausura), o Espírito suscitava um novo modelo na Igreja: a compaixão na proximidade com os sofredores... o que chamamos “religiosas de

vida ativa”. Várias comunidades de Filhas da Caridade foram fundadas em Paris e seus arredores, e progressivamente se espalharam por todo o mundo. As Irmãs se colocaram a serviço dos mais pobres, dos doentes em casa ou nos hospitais e das crianças abandonadas, cuidando delas e garantindo sua educação. A Luz de Pentecostes daquele 4 de junho de 1623 deixou de ser um mero acontecimento na vida de Santa Luísa e se tornou a luminosidade do compromisso, do cuidado e da responsabilidade com a vida ao longo dos tempos...

Hoje, queridas Irmãs, vocês têm um outro grande desafio na missão: ensinar o mundo, sobretudo os cristãos, a vencerem a falsa interpretação da caridade. A caridade é o dom maior, como afirma o apóstolo Paulo no belíssimo hino em 1Cor 13, porque no outro, reconhecemos Jesus na sua Paixão e morte que deseja ressuscitar. A caridade não pode ser confundida com ideologias ou servilismo, como lembra o Papa Francisco. Servir os pobres é consequência da experiência pessoal com Jesus, pois, quem de fato se encontrou com o Senhor da Vida é capaz de reconhecê-lo nas pessoas, sobretudo nos mais vulneráveis; afinal, foi Ele mesmo que afirmou: “Tudo o que fizeres ao menor dos meus irmãos é a mim que fazes”.

Queridas Filhas da Caridade, o título da Congregação já vos compromete: Filhas... significando que, da Caridade, brota a filiação, pois Aquele que é Amor, o próprio Deus, se manifestou a nós, na caridade perfeita: Jesus Cristo. Ele é o sustentáculo da vocação de cada consagrada. Jamais percam de vista o caminho percorrido por Santa Luísa: o caminho da escuta, da audácia missionária e da confiança, somente assim vocês continuarão a dar respostas ao sofrimento humano e aos desafios atuais dos povos.

Hoje, louvo a Deus, com vocês, e com todos os bispos que contam com a presença, o carisma e a missão da Congregação em suas Dioceses. Particularmente, agradeço a presença das Filhas da Caridade, há décadas, na Diocese de Guarapuava: na pastoral, no campo da saúde, na educação, na promoção humana e em todos os serviços que o Espírito Santo, desde aquele Pentecostes que iluminou Santa Luísa, tem suscitado à Congregação. Diante da Mãe Aparecida, invocada na Congregação, como Nossa Senhora das Graças ou da Medalha Milagrosa, e na presença do Senhor, peço muitas e santas vocações para vocês, para que continuem testemunhando ao mundo o único caminho, o qual devemos seguir vigilantes com lâmpadas acesas, o caminho do AMOR, personificado em Jesus Cristo. Deus vos abençoe!

◆ NOSSA SENHORA DA MISSÃO ◆



São muitos os textos formativos que recebemos da Companhia, por vezes em pequenos livretos, folhetos. Transcrevemos um destes para nos recordarmos das delicadezas que Maria oferece à Companhia:

Esta estátua antiga – alguns anos mais antiga que a de Nossa Senhora de Paris – foi venerada na pequena Companhia, desde suas origens.

Esculpida entre 1320-1330, esteve colocada na rua Sains Denis, em cima da porta da muralha de Felipe Augusto, pois Paris estava encerrada por uma muralha. Esta, por conseguinte, viu passar os reis e as rainhas, entrando solenemente na capital, ou saírem dela para descansar na última morada, isto é nos panteões da abadia Saint-Denis.

Quando, para aumentar a cidade, a muralha foi demolida, a estátua foi colocada numa casa contígua à ruela dos Peintres (Pintores).

Porém, em 1681, deram-na às Filhas da Caridade que a colocaram sobre um pedestal, no centro do pátio da Casa Mãe da época, no antigo bairro de São Lourenço, em frente de São Lázaro.

Desde então, não se separou mais de nós, e a tradição refere vários fatos notáveis relacionados a ela e transmitidos de geração em geração, pelas Irmãs idosas.

Em 1755, um insigne malfeitor foi, por fim, capturado pela justiça e condenado à morte; mas, antes do suplício, declarou que tinha algo importante a revelar à Superiora Geral das Filhas da Caridade. Viera, pois, comunicar o desejo do malfeitor. A Superiora Geral recusou categoricamente vê-lo, dizendo que nada tinha a ouvir da parte daquele homem, e que não o conhecia. O malfeitor não se contentou com a resposta e persistiu no seu pedido. Voltaram, portanto, à Comunidade, da parte do Comissário de Polícia, que lhe fez dizer que não se podia recusar a um condenado à morte o que, razoavelmente, solicitava; e que ela nada devia temer, porque ele estava acorrentado, vigiado pelos guardas e que ela ficaria à distância. Nossa Mãe Geral dirigiu-se, então, à prisão com sua Assistente. Logo que o condenado a percebeu, disse-lhe: ‘A senhora é a Superiora Geral?’ ‘Sim’, respondeu-lhe. ‘Pois bem, minha Irmã, não quis morrer sem antes

prevenir-lhe que, em sua casa, há uma janela muito baixa, sem grades e, pela qual se pode, facilmente, entrar na casa. Eu e meus camaradas mais de quinze vezes ali nos apresentamos e teríamos entrado em casa, se não fosse uma senhora que está no meio do pátio, que, com o seu braço, fez-nos retroceder, de maneira que sempre nos foi impossível passar. Entretanto, creio que seria bom a senhora mandar colocar grades nesta janela. Eis, minha Irmã, a declaração que eu queria lhe fazer antes de morrer’.

De regresso à casa, Nossa Honoratíssima Mãe comunicou à Irmãs o que tinha acabado de ouvir; todas ficaram muito comovidas, pois era evidente que esta declaração não tinha sido motivada pelo interesse que o malfeitor tinha pela casa, a qual tantas vezes tentou saquear, porém, sem dúvida alguma, ele se sentiu fortemente impulsionado a fazê-lo, por ordem da Divina Providência que queria fazer conhecer à Companhia a grande proteção da qual é favorecida pela Excelsa Mãe de Deus.

Trinta e oito anos depois, na época terrível e desastrosa de 1793, um fato que se pode considerar milagroso preservou a estátua da Santíssima Virgem dos ultrajes dos revolucionários. Um dia, quatro desses homens, percebendo-a no pátio, penetraram na casa e se dispuseram a quebrá-la. Uma filha da Caridade que se encontrava ali, suplicou-lhe que não o fizessem; eles, porém, não desistiram do seu sacrílego projeto. Para executá-lo mais facilmente, colocaram toda sua força para retirá-la do seu lugar. No entanto, foram inúteis todas as tentativas e eles não conseguiram movê-la. Diante disso, vendo a Irmã banhada em lágrimas, disseram-lhe: ‘Cidadã, se tu podes levá-la, nós t’a damos’. A Irmã, com muita fé, disse-lhes: ‘Sim, eu a levarei’; e, aproximando-se, tomou-a em seus braços e levou-a, sem nenhuma dificuldade. Os quatro revolucionários, diante do acontecido, fugiram a todo correr, abandonando seu projeto criminoso.

Alguns dias depois, as Irmãs foram expulsas de sua casa; antes, porém, de partir, tiveram o cuidado de esconder a estátua de Nossa Senhora numa casa do bairro. Ali ficou até o momento em que a Divina Providência reuniu de novo os membros dispersos da Comunidade das Filhas da Caridade. O governo deu-lhes uma casa situada à rua Vieux-Colombier; ocuparam-na a 21 de janeiro de 1801.

Após a posse da casa, as Irmãs apressaram-se em reclamar a estátua milagrosa da Santíssima Virgem junto às pessoas a quem lhes haviam confiado. Foi para elas uma imensa alegria encontrá-la intacta e transportá-la para sua nova moradia. Colocaram-na no meio do pátio, a fim de que ela fosse a Guardiã da Casa. O futuro provou que não é vã a confiança nEla.

Uma tarde, a Irmã da portaria esqueceu-se de fechar a porta principal da casa; os vizinhos, vendo a porta da casa das Irmãs aberta durante a noite e

um vigia fazendo a guarda, diziam-se que, provavelmente, as Irmãs esperavam algumas pessoas que deveriam chegar e que, por este motivo, tinham pedido um guarda para a noite. Ao amanhecer, o guarda tinha desaparecido. A surpresa da Irmã porteira foi enorme quando, pela manhã, encontrou a porta aberta e soube como a casa tinha sido guardada. Imediatamente, comunicou o ocorrido às Irmãs Conselheiras; estas foram imediatamente ao Comissário de Polícia agradecer-lhe, pois estavam convencidas que tinha sido ele quem havia mandado o guarda guardar nossa casa durante toda a noite. O Comissário de Polícia mostrou-se super admirado, porque não tinha dado nenhuma ordem e ignorava completamente o que tinha passado. Todas as indagações feitas não obtiveram nenhum resultado. A Comunidade podia, por conseguinte, tirar a conclusão de que a Santíssima Virgem tinha encarregado um de seus Anjos para guardar nossa casa. As Diretoras do Seminário, com frequência, contaram este fato, considerando-o como uma proteção especial de Maria.

No mês de junho de 1815, no momento da invasão estrangeira, o Governo fez entrar em Paris as Senhoritas do pensionato da Legião de Honra de Saint-Denis; foi-lhes designado como alojamento a casa ocupada pela Filhas da Caridade. A Comunidade, por conseguinte, teve que se mudar e ocupar o Palacete de Châtillon (Hôtel de Châtillon), que o Imperador lhes tinha concedido, à rua du Bac. Esta mudança foi feita mui rapidamente, e, durante a noite. Não obstante, não houve nenhum incidente e, mais uma vez, a Comunidade pôde, nesta circunstância, reconhecer a proteção da Santíssima Virgem. Claro que não deixamos a estátua milagrosa no pátio da casa à rua Vieux-Colombier; ela foi transportada à nova residência das Irmãs. Como a entrada é muito estreita, suficiente apenas para a passagem, ela foi colocada, imediatamente e com todas as honras, em um pequeno altar na sala dos Retiros Anuais, embaixo da Capela. A estátua dominava assim toda a Comunidade, protegendo, sobretudo, a Casa Mãe, como sentinela vigilante e guardiã.

Os fatos que seguem tiveram lugar depois que a Comunidade fixou residência na rua du Bac.

A Comunidade acabava de se estabelecer nesta nova casa, quando uma pessoa piedosa lhe fez doação de vários paramentos de grande valor: uma casula e duas dalmáticas, com tecido em brocado de ouro, trabalho fino, avaliado em 4.000 francos. O comerciante encarregado de confeccionar estes paramentos, ao terminá-los, enviou-os através de dois jovens empregados de sua casa. Estes infelizes planejaram roubá-los, e muniram-se de uma chave falsa, observando o lugar onde foram depositados os paramentos que cobiçavam. O armário dos paramentos encontrava-se, naquela época, precisamente na sala onde se faziam os Retiros Anuais. Estes homens, depois de terem colocado os

paramentos no armário, esconderam-se na casa. Foi muito fácil, pois embaixo da escada encontra-se um porão muito vasto, onde se depositava a madeira, e a porta estava aberta.

Depois das 9 da noite, quando a Comunidade tinha se retirado aos dormitórios e que eles não ouviram mais nenhum barulho, saíram de seu esconderijo, subiram correndo a escada e abriram a porta com a chave falsa. Até aí, tudo correu muito bem; entraram sem nenhuma dificuldade, porém, quando colocaram a mão no armário, a Santíssima Virgem os paralisou de tal maneira que não puderam mais fazer nenhum movimento, nem mesmo ver-se nem falar entre si. No dia seguinte, quando a Irmã da sacristia foi, mais ou menos às 4 horas da manhã, arranjar a lâmpada que ficava acesa dia e noite aos pés da estátua, ao abrir a porta, ficou espantada de medo ao perceber dois homens imóveis, diante do armário; fechou rapidamente a porta e, pensando ter sido vítima de alucinação, foi chamar suas companheiras. Estas, ao abrir a porta, viram realmente os homens e fecharam a porta à chave. Avisaram à Mãe Geral que, com outras Irmãs, ao abrirem a porta da sala de Retiro, ficaram espantadas diante do mesmo espetáculo. Então, a Mãe Geral, aproximando-se deles disse: ‘Que fazem vocês aqui?’ Apenas pronunciou estas palavras, a língua dos pobres infelizes desatou-se e seus membros recobriram seus movimentos. Imediatamente lançaram-se aos pés de Nossa Mãe e, juntos, exclamaram: ‘Perdão, Irmã, nunca mais seremos ladrões’.

Contaram, então, seu projeto odioso e acrescentaram: ‘Estávamos a ponto de executá-lo, quando, no momento em que colocávamos a mão para abrir o móvel, esta senhora que está aqui (mostraram, trêmulos, a Santíssima Virgem) aproximou-se de nós e nos amarrou tão fortemente que não conseguimos mais nos movimentar, falar, nem mesmo entreolharmo-nos durante toda a noite; porém, no momento em que a senhora nos falou, sentimo-nos como desatados. Ó minha Irmã, não nos entregue às galeras, eis-nos arrependidos e corrigidos para toda a vida’. Nossa boa Mãe teve piedade deles e lhes disse: ‘Vamos, não serei eu quem os farei colocar nas galeras; vou pedir que lhes abram as portas. Fugam e, doravante, vivam honestamente’.

De novo prometeram-lhe e, para que não fossem procurados pela polícia, nos foi recomendado o maior segredo sobre o assunto. Eis o que explica porque poucas Irmãs tiveram conhecimento do ocorrido. A Irmã idosa que nos deu estes detalhes, de um modo tão preciso, tão positivo, quis nos contar este prodígio para nos fazer apreciar a felicidade que temos de trabalhar na mesma habitação onde tudo isto aconteceu e para excitar-nos a uma maior confiança e gratidão para com a augusta Mãe de Deus. Agora, como não há mais perigo para os culpados, pode-se contar o fato sem nenhuma imprudência.

Algum tempo antes das mui famosas jornadas de 1830, várias Irmãs viram sair grossas lágrimas dos olhos da estátua da Santíssima Virgem; seu rosto ficou inundado. Estas boas Irmãs tomaram um lenço branco, enxugaram-lhe o rosto e levaram o lenço empapado com as preciosas lágrimas ao Seminário, pronunciando com voz comovida: 'A Santíssima Virgem da Sala do Retiro chora copiosamente. Ah, sem dúvida vão cair sobre a França grandes desgraças'. Infelizmente, foi o que aconteceu.

A Mère Marta, que durante vários anos foi primeira Diretora do nosso Seminário, e à qual foi entregue o lenço do qual acabamos de falar, gostava de, com frequência, referir o fato como testemunho do interesse maternal que, pela Comunidade, tem a Imaculada Mãe.

Foi também a Mère Marta que nos contou o seguinte: uma Filha da Caridade tinha no dedo polegar direito um mal que se agravou tanto que o cirurgião da casa julgou necessária a amputação. A pobre Irmã, aterrorizada ao pensar que a perda do dedo talvez a impediria de servir os Pobres, recorreu Àquela que é a Mãe de Misericórdia e que, a justo título, é chamada de Consoladora dos aflitos. A Irmã subiu, então, à Sala de Retiro e até mesmo sobre o altar de Nossa Senhora a quem disse com o coração cheio de ardor e com uma fé profunda: 'Ó minha Mãe, vós sois boníssima e toda poderosa, podeis curar-me e permitir que não me cortem o dedo! Como poderia eu servir os Pobres? Eu vo-lo suplico, curai-me. Rezava assim, com o dedo sobre a mão da Santíssima Virgem. Após alguns instantes cessou a dor; olhou seu dedo, ele estava curado! No dia seguinte, quando chegou o cirurgião para amputar-lhe o dedo, este só teve que constatar a cura. Este relato, nós o escutamos de Mère Marta, em 1837. Ela queria que todas as Irmãs do Seminário o soubessem, para transmití-lo depois. A boa Mère Marta tinha uma tão profunda veneração por esta preciosa estátua, que seu semblante se irradiava quando contava todos estes prodígios.

Eis ainda um fato, confirmado por testemunhas dignas de fé. Um dia, viu-se o véu, que naquela época cobria a cabeça de Nossa Senhora, agitar-se de uma maneira extraordinária. Nossas Irmãs, surpreendidas por este movimento, procuram por todos os lados o motivo que o fazia mover-se assim, mas seus esforços foram inúteis, pois não havia o menor sinal de vento. A surpresa aumentava, não se compreendia nada... quando uma de nossas Irmãs, precisando abrir o armário, ali encontrou o fogo; um incêndio iria começar! Este foi extinto a tempo; neste momento, o véu da Santíssima Virgem parou de agitar-se. Não foi difícil às Irmãs compreenderem a proteção de nossa boa Mãe do Céu, e o sentimento do mais profundo reconhecimento brotou de todos os corações.

Todos esses acontecimentos levaram a Comunidade a manter acesa uma lâmpada diante da imagem, como sinal de sua gratidão e de seu amor para com a Santíssima Virgem.

Os Retiros Anuais continuaram a serem feitos no mesmo local, isto é, em cima da Capela, até o ano de 1845. Naquela época, sendo a Comunidade muito numerosa, abandonando-se a sala que se tornara pequena, devido ao grande número de Irmãs, a Comunidade se reunia numa grande capela construída no andar térreo. No entanto, por desígnio especial da Divina Providência, a estátua de Nossa Senhora continuou a ocupar um altar que a piedade das Irmãs lhe dedicara naquele lugar. Como ali as Irmãs da sacristia tinham o armário dos paramentos, continuavam a servir-se do local por motivo de seu trabalho e nele também se fazia um exercício para as Irmãs do Seminário.

No dia da Visitação da Santíssima Virgem, 2 de julho de 1851, esta primeira sala de exercícios foi destinada às Irmãs que tinham a honra e a felicidade de trabalhar na rouparia de São Lázaro, isto é de trabalhar para os Filhas de São Vicente. Ao mesmo tempo, confiou-se-lhes o cuidado do altar e da imagem que, a partir de então, leva o nome de **Nossa Senhora da Missão**.

Algum tempo depois de sua instalação, Irmã Buchepot, que tinha substituído Mère Marta no cargo de primeira Diretora do Seminário e tinha herdado sua veneração pela imagem milagrosa, veio fazer-nos uma visita e nos disse: 'A Divina Providência, ao colocar a rouparia dos Missionários no local que serviu de Sala de Retiro durante muitos anos, queria perpetuar piedosas lembranças que, provavelmente teriam se apagado, se não houvesse aqui um ofício e umas Irmãs que continuassem a venerar a Santíssima Virgem e a adornar seu altar'. E, acrescentou, dirigindo-se a todas as Irmãs: 'Já que tendes a felicidade de trabalhar aqui, alegre-me em comunicar-vos que as duas primeiras aparições de Nossa Senhora para o escapulário verde tiveram lugar neste mesmo altar da estátua, durante o retiro do mês de janeiro de 1840'. Ela teve a bondade de comunicar-nos os detalhes, dizendo que conhecia perfeitamente a Irmã favorecida com as aparições, que era uma alma santa.

Quando a Capela, em 1830, foi aumentada, a rouparia de São Lázaro foi instalada junto à Comunidade e a estátua de Nossa Senhora da Missão foi colocada, então, na tribuna da Capela, num altar que lhe foi especialmente dedicado. Atualmente, continua no mesmo local e nossas Irmãs idosas gostam de ali rezar seus terços.

Terminada a restauração da Capela, em 1980 (150º aniversário das Aparições de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa em 1830), a imagem de Nossa Senhora da Missão foi colocada na Capela São José, a qual toda Comunidade da Casa Mãe se dirige em determinadas horas e dias, recebendo, assim, a Virgem Maria, um culto mais assíduo de suas Filhas. A lâmpada tradicional continua ardendo a seus pés.

A IGREJA

No dia 1º de janeiro, como de costume, o Papa envia uma mensagem com um tema de relevância para a Igreja e para o mundo. Para 2024, o Papa Francisco escolheu como tema para o 57º Dia Mundial da Paz, *Inteligência Artificial e Paz*. O tema da Inteligência Artificial, ainda muito novo para a maior parte de nossas Comunidades, já traz desafios e polêmicas. Por isso, vale a pena a leitura da entrevista transcrita do Instituto Humanitas Unisinos, como caminho de despertar para estas questões que também nos dizem respeito. Segue o texto:

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A IGREJA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES. CONFERÊNCIA DE MOISÉS SBARDELOTTO

Edição: João Vitor Santos | 20 Mai 2023

A partir de documentos pontifícios, o pesquisador observa que o papel da religião nessa discussão transcende as questões de fé, devendo estar no cerne de um cristianismo inserido no mundo e num tempo presente.

Não é de hoje que a Igreja tem protagonismo nos debates acerca das novas tecnologias de informação, como bem observa o professor e pesquisador Moisés Sbardelotto. Agora, em tempos de grandes avanços e da naturalização da inteligência artificial em nosso cotidiano, discutir a relação com essas máquinas é pensar também na integridade do ser humano e do próprio planeta Terra. “Há o risco de nós cairmos numa perspectiva muito tecnicista, em que, por ser uma inteligência artificial que, portanto, difere da inteligência humana, e é mais poderosa, mais rápida, mais complexa do que a inteligência humana”, observa, em conferência promovida pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Segundo Moisés, não se trata apenas de refletir no âmbito da fé e tão pouco de negar a própria tecnologia, mas de olhar para essas transformações a partir de uma ética humana de vida. Aliás, sobre qualquer forma de vida na Terra. Para ele, “a Igreja está resguardando esse aspecto ético de que o desenvolvimento tecnológico é importante, é reflexo da grandeza divina, mas ele tem que seguir esse desígnio, portanto, de bondade e amor em relação à humanidade. O que significa reconhecer “que esses resultados são positivos, que são até sinal e consequência da própria grandeza divina, do ser humano como continuador da própria criação divina. E o desafio é que essa atividade humana sempre deve corresponder, segundo o desígnio de Deus, ao bem da humanidade”.

Abaixo, reproduzimos a palestra em que Moisés mergulha nos documentos da Igreja que servem de lastro para o desenvolvimento desse debate, inclusive sinalizando caminhos a partir de práticas bem concretas. “A Igreja pode ser um desses corpos sociais intermediários, fundamentais para condicionar esse desenvolvimento tecnológico. Talvez ela não consiga transformar totalmente, porque é um ator entre diversos outros atores sociais que estão também se questionando sobre tudo isso. Mas, sem dúvida, pela sua história, pela sua sabedoria, pela sua capilaridade social, a Igreja tem um papel muito importante a realizar não só do ponto de vista de Santa Sé, mas também nas várias Igrejas locais”, aponta o pesquisador.



Moisés Sbardelotto (Foto: Pascom Brasil)

Moisés Sbardelotto é professor adjunto na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, onde atua como pesquisador membro do Núcleo de Estudos em Comunicação e Teologia – NECT, professor do Departamento de Comunicação da Faculdade de Comunicação e Artes, professor do projeto de implantação do Mestrado Profissional em Teologia Prática e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

É mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, com estágio doutoral na Università di Roma La Sapienza, e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

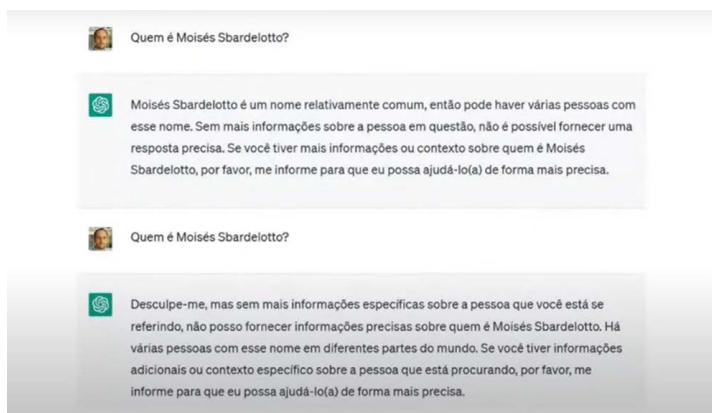
Colaborador do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, é escritor, tradutor e consultor em comunicação para diversos órgãos e instituições civis e religiosos. Entre suas publicações, destacamos: *Comunicar a fé: por quê? Para quê? Com quem?* (Vozes, 2020), *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital* (Paulinas, 2017) e *E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosas na internet* (Santuário, 2012).

CONFIRA TRECHOS DA CONFERÊNCIA

A temática da interface entre inteligência artificial e Igreja é desafiadora, até mesmo porque não temos uma relação diretamente evidente. Se perguntarmos para as pessoas em geral: “O que a inteligência artificial tem a ver com a Igreja?” parece ser um tema fora do comum. Entretanto, não é bem assim. Também a Igreja – e estou abordando a temática dentro da perspectiva da Igreja Católica – vem trabalhando essa questão e propondo aspectos relevantes para esse debate.

Quero me focar especificamente nessa interface entre inteligência artificial e a Igreja, mostrando alguns desafios e algumas possibilidades. Parto de alguns usos pitorescos e folclóricos que vêm ocorrendo nesses últimos tempos.

Um deles tem a ver diretamente comigo. Aproveitei o *hype* [a moda, a onda] do ChatGPT e fiz duas perguntas iniciais ao sistema, para ver como reagiria diante da pergunta básica: quem sou eu? Quem é Moisés Sbardelotto?



Todas as imagens são reproduções da apresentação do palestrante.

Nas duas primeiras tentativas, o sistema respondeu que é um nome extremamente comum e que não teria mais informações específicas sobre mim. Até pedia que eu mesmo desse mais informações, para que, caso alguma outra pessoa fizesse essa mesma pergunta, pudesse encontrar uma resposta.

Depois, tentei especificar um pouco a pergunta, ajudando-o no desafio. Perguntei: quem é Moisés Sbardelotto, *professor da PUC Minas*? E então ele respondeu que é professor da PUC Minas, algo não tão difícil de afirmar, já que estava indicado na pergunta, e continuava a resposta explicando o que é a PUC Minas. Mas, depois, o sistema “alucina” - isto é, inventa informações aleatórias.



Quem é Moisés Sbardelotto, professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais?



Moisés Sbardelotto é um professor universitário brasileiro que leciona na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), que é uma universidade privada com sede em Belo Horizonte, Minas Gerais. Ele é bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Filosofia pela mesma instituição e doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Sbardelotto é autor de diversos artigos e livros na área de Filosofia, com ênfase em áreas como Ética, Teoria Crítica e Filosofia Política. Ele também é editor e colaborador regular de várias publicações acadêmicas, incluindo a revista eletrônica IHU On-line, editada pelo Instituto Humanitas Unisinos, e a revista cultural digital CULT. Além de sua atuação acadêmica, Sbardelotto é conhecido por sua atividade na defesa dos direitos humanos e pela promoção de debates e discussões públicas sobre temas relevantes da atualidade.

Ele diz que sou bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, o que não é verdade. Segue dizendo que sou mestre e doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o que também não é verdade. Depois, diz que sou autor de artigos e livros da área de filosofia, errando o alvo novamente. Ele acerta ao afirmar que tenho colaborações com a revista eletrônica IHU On-Line, mas erra de novo ao dizer que sou colaborador da Revista Cult – nunca publiquei nenhum texto nessa publicação. Também diz que eu sou conhecido pela defesa dos direitos humanos. É claro, sem dúvida, essa é uma pauta relevante na minha vida, mas acredito que eu não seja reconhecido publicamente por isso.

Fiz essa introdução em um tom quase de brincadeira, pois ela me permite trazer à tona algumas questões mais sérias e relevantes, que aparecerão depois sobre o aspecto da “inteligência”. Ou seja, afinal, de que inteligência estamos falando?

IA E A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS



Uma outra produção da inteligência artificial que circulou bastante, e que tem a ver diretamente com a Igreja, são estas fotos e imagens do Papa Francisco. Tudo começa pela foto da esquerda, a maior, que inicialmente gerou dúvidas: será que o Papa Francisco realmente usou essa jaqueta bastante chamativa? E, depois, começaram a circular as outras fotos. As pessoas aproveitaram para entrar na onda e fazer outros tipos de apropriação da imagem do papa.

As imagens não correspondem a fatos verídicos, mas revelam um risco, porque são fotos bastante reais. Mesmo sabendo que o fato não ocorreu, a qualidade da imagem, de certa forma, é uma amostra de um realismo que pode ser usado para outros fins bem diversos.

CRIANDO REALIDADES E VIGILÂNCIAS

Há outros dois fatos recentes que também têm a ver com as inteligências artificiais e algumas práticas da Igreja. Um deles é uma notícia que veio da Hungria.



Um padre resolveu pedir ao ChatGPT que gerasse uma homilia e, na Celebração Eucarística, ele leu o texto sem informar que havia sido produzido pela inteligência artificial. E nenhum fiel se deu conta, nenhum fiel reclamou. Depois ele revelou isso publicamente, e, obviamente, gerou um debate, levantando questões como: até que ponto isso seria pertinente, no mínimo, para um presbítero da Igreja Católica em plena celebração litúrgica?

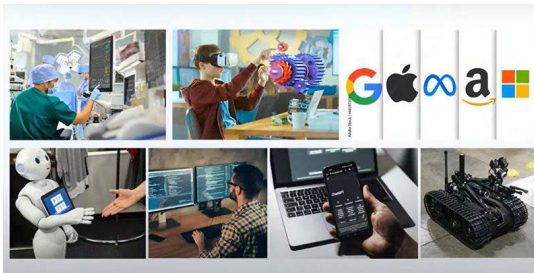
O outro caso, mais grave, diz respeito a um grupo vinculado ao catolicismo (ou pelo menos autointitulado católico) que produziu um sistema que rastreia dados com a ajuda de inteligência artificial em aplicativos de relacionamento.

O objetivo era investigar possíveis padres que estivessem usando esses aplicativos, particularmente padres homossexuais. Então, eles desenvolveram uma tecnologia de rastreamento, via inteligência artificial, para “pegar no flagra” padres que estariam cometendo algum tipo de pecado, na opinião desse grupo.

OUTROS USOS DA IA

Assim, podemos ver usos atuais da inteligência artificial que já estão ocorrendo hoje, seja em um nível mais folclórico e pitoresco, mas também em outros níveis bastante relevantes – e até preocupantes. Sem contar uma série de outros fenômenos ligados à inteligência artificial e que já fazem parte da vida da Igreja, entendendo-a aqui como o conjunto de fiéis que vive a fé católica e também como as diversas instituições ligadas ao catolicismo.

Do ponto de vista da medicina, em hospitais e instituições de saúde vinculados à própria Igreja, vemos que a inteligência artificial já se faz presente no diagnóstico, na prevenção, no tratamento e no acompanhamento dos doentes, por meio de sistemas que auxiliam no combate a determinadas doenças, assim como de robôs que oferecem um certo cuidado personalizado aos pacientes. Há também usos diversos na educação, seja nas salas de aulas escolares, seja na pesquisa em universidades. Além disso, temos o próprio uso do ChatGPT, como demonstrei, no nosso dia a dia e as consequências que isso pode trazer para o âmbito da fé.



Nessa imagem, vemos a sigla **Gamam**. São as cinco grandes empresas que praticamente controlam todo o mercado digital: **Google, Apple, Meta, Amazon e Microsoft**, que também controlam os dados das pessoas que usam essas plataformas,

por meio de suas inteligências artificiais. Portanto, também têm uma afetação direta na vida da Igreja, no cotidiano de todos os cristãos e cristãs.

E, por fim, existem as preocupações que estão presentes de modo significativo no magistério social da Igreja, como a questão da paz. Já existem diversas aplicações de inteligência artificial em robôs. Uma delas é o uso da robótica para o desenvolvimento de armas letais autônomas, nas quais, em nenhum momento do processo de ataque, um ser humano precisa intervir. Ele

tem apenas que configurar um desses minitanques, como o exibido na imagem, e soltá-lo no campo de batalha. A partir daí, o pequeno tanque vai assumir por conta própria quem deve matar ou quem deve manter vivo. Essas armas letais autônomas estão gerando um grande debate: até que ponto isso é lícito, ético, moral? – se é que podemos usar tais adjetivos em um contexto de guerra.

INTELIGÊNCIA? QUE INTELIGÊNCIA?

Portanto, não precisamos esperar por um futuro distante. Há muitos usos da inteligência artificial que já vêm afetando o nosso cotidiano. Daí a pergunta: de que inteligência estamos falando, afinal?

Parto de algumas interpretações possíveis, porque, em primeiro lugar, quando falamos de inteligência artificial, logo nos vem à mente o ChatGPT ou outros aplicativos pautados por uma inteligência lógico-matemática. Assim, acabamos simplificando o conceito de inteligência a um único ponto de vista, que é o lógico-matemático. Mas, se tomarmos os estudos do Howard Gardner e de outros psicólogos, veremos que o ser humano tem múltiplas inteligências. Há a inteligência interpessoal, a intrapessoal, a corporal, a espacial, a musical, a linguística – à qual o ChatGPT até se aproxima um pouco – dentre outras.

Enfim, podemos estar simplificando um pouco essa riqueza do ser humano quando chamamos esses processos de inteligência. Sem dúvida, eles manifestam aspectos que se assemelham à inteligência humana, simulando-a. Mas até que ponto isso é inteligência ou não?

O Papa Francisco também fala da inteligência da cabeça, das mãos e do coração, que precisam estar intimamente ligadas. É uma inteligência complexa, não apenas sob um único ponto de vista.

Depois, dentro dessa mesma linha, manifesta-se nas inteligências artificiais uma inteligência pautada pela razão. Mas uma razão novamente lógico-matemática, uma inteligência racional, em que o cérebro ocupa o papel principal. Novamente, perde-se de vista a relação entre cérebro, mente, corpo e espírito. Ou seja, o valor e a dignidade do ser humano vão muito além de seu cérebro.

É, depois, uma compreensão *iluminista* da inteligência, porque percebemos no debate sobre inteligência artificial um foco muito grande na liberdade e na privacidade dos usuários. Tivemos esse recente caso envolvendo os ataques das escolas e a solicitação dos órgãos públicos para que o Twitter colaborasse no controle e na fiscalização das pessoas que emitem esse tipo de informação falaciosa sobre possíveis ataques. Mas o Twitter disse que a tarefa solicitada não

está contemplada em seus termos de uso, porque estes justamente defendem a liberdade e a privacidade do usuário. É uma perspectiva iluminista porque defende valores como a liberdade e a privacidade, deixando de lado outros valores igualmente importantes, como a solidariedade e a justiça nas interações sociais.

No debate sobre inteligência artificial, também se manifesta uma perspectiva muito futurista. Tivemos recentemente essa carta de grandes nomes da ciência chamando a atenção para os riscos futuros que a humanidade pode ter com a inteligência artificial. É uma perspectiva que vários estudiosos chamam de “longo-prazista”, como se a preocupação em relação à inteligência artificial envolvesse problemáticas de longo prazo.

Com isso, acabamos perdendo de vista aquilo que já está acontecendo aqui e agora. Essa perspectiva longo-prazista é enfatizada por pessoas que até assinaram aquela carta, como Elon Musk, dono da Tesla e agora também do Twitter. Ele assina a carta preocupado e horrorizado com os perigos da inteligência artificial no futuro, mas, aqui no Brasil de hoje, ele não consegue tomar nenhuma atitude para resolver a grave problemática da violência contra as escolas e da disseminação de falsas ameaças em sua plataforma digital. Ou seja, os riscos da inteligência artificial *já estão presentes*.

Há também uma perspectiva muito *funcionalista*, como se a única questão fosse: para que serve a inteligência artificial? A única questão seria essa, como se o critério de avaliação ética da inteligência artificial fosse seus fins práticos. Pensando assim, perdemos de vista todo o restante, e podemos acabar justificando os meios, levando em conta apenas as finalidades imediatas e, em geral, em vista do lucro.

LIMITES DO ARTIFICIAL

Por outro lado, falamos que essa inteligência é *artificial*, mas até que ponto? Podemos chamar essa inteligência de artificial?

Primeiro, há o risco de cairmos em uma perspectiva muito *tecnicista*, em que – por ser uma inteligência artificial que, portanto, difere da inteligência humana, e é mais poderosa, mais rápida, mais complexa do que a inteligência humana – o ser humano estaria sendo necessariamente *determinado* por essa inteligência. Acabamos lendo a própria presença do ser humano como uma mera peça dentro desse processo. Perdemos de vista a autonomia do ser humano frente a essa inteligência e o papel da cultura, dos grupos, dos coletivos, da sociedade, da capacidade de invenção social sobre as inovações tecnológicas.

Observe-se que, querendo ou não, a inteligência que criou isso, que nós chamamos de inteligência *artificial*, é a do próprio ser humano e que, portanto, é consideravelmente maior do que a inteligência artificial. Então, o risco de cairmos nesse tecnicismo é que acabemos crendo que não há saída possível e que a técnica acabará nos dominando. Porém, ao longo da história, sabemos que isso nem sempre foi necessariamente verdade. Basta revisitar os temores de certos futurólogos frente à invenção da escrita, do livro impresso, do computador pessoal, da internet e assim por diante.

Esse ponto de vista tecnicista também pode nos levar a uma leitura *neoludista*, que diz respeito ao ludismo clássico da Revolução Industrial, em que as pessoas literalmente destruíam as máquinas industriais, porque estas estariam tirando seus empregos e atrapalhando a vida social. Também nós vemos um pouco isso em manifestações que afirmam: “Acabemos com essas máquinas, acabemos com a inteligência artificial, ela só vai gerar problemas”. Há um certo dualismo que não percebe que, ao longo de toda a história humana, o ser humano viveu *intimamente relacionado* com tecnologias. Alguns autores dizem: só há humano porque existem tecnologias. Essa dupla hélice – a convergência estreita entre humano e tecnologia – é fundamental para entender como chegamos a este período contemporâneo de inteligência artificial.

RISCOS DO ANTROPOCENTRISMO

No outro lado da moeda, o risco é cair em uma leitura *antropocêntrica*, assumindo que o ser humano é o centro de todos os processos tecnológicos e, portanto, controla tudo. Só que isso não é verdade. Vários desses processos de inteligência artificial podem escapar do controle humano, ou seja, podemos perder de vista a agência, a capacidade de ação dessa inteligência artificial.

E isso não no sentido de que ela vai assumir o controle dos processos (em uma suposta antropomorfização da tecnologia, como na ficção científica), mas no sentido de que ela *já está afetando* a vida social, já está agindo sobre a nossa realidade hoje (em uma tecnicização acelerada do ser humano e da vida social). Voltemos aqui ao exemplo do Twitter. É uma inteligência artificial que, por não ser controlada pelo ser humano, já está afetando a vida social, inclusive do ponto de vista da violência e da segurança pública.

Quando colocamos o ser humano totalmente no centro, como se fosse o senhor de todos esses processos, acabamos perdendo de vista o que estes sistemas nos *fazem fazer*. Não se trata só do que eles fazem, mas do que eles nos fazem fazer ou até o que nos *fazem sentir*: por exemplo nesse caso da violência e do ódio em rede, e nos modos como tais plataformas nos fazem agir, sob um certo condicionamento também da própria sociedade.

VIRTUALISMO E SEUS RISCOS

Uma última leitura da inteligência artificial é aquela que eu chamo de “*virtualista*”. Quando falamos de inteligência artificial, muitas vezes entendemos como algo que é totalmente imaterial. Só que, também do ponto de vista ambiental e ecológico, existe *muita materialidade* em jogo para que esses sistemas funcionem. A pegada ecológica dessas máquinas é gigantesca. Este é um tema que veremos mais adiante, também do ponto de vista da reflexão eclesial, ou seja, a relação do avanço tecnológico com a destruição do planeta.

As inteligências artificiais demandam gigantescos bancos de dados que ocupam muito espaço físico, muitos fios, muitos cabos, muito silício, muito metal. Em 2012, havia 500 mil centros de processamento de dados no mundo. Em 2019, já eram mais de 8 milhões deles. O maior desses centros de processamento de dados, localizado em Hong Kong, ocupa 715 mil metros quadrados. É o equivalente a praticamente cinco estádios de futebol de pura alvenaria, cheio de máquinas para processar essa quantidade enorme de dados.

Sem contar todo o consumo de energia. Sabemos que nosso computador em casa consome energia e esquenta. Então, precisamos de energia tanto para alimentar a máquina quanto para resfriá-la. Então, imaginemos uma área de 715 mil metros quadrados cheio de máquinas a serem alimentadas e resfriadas, consumindo energia por horas a fio. Qual será esse consumo? Já se fala que todo o sistema digital, desde a produção de máquinas até o uso de internet, é o sistema mais poluidor do sistema industrial, ultrapassando até o setor de aviação, que era considerado o mais poluente até então. Aqui está o risco de cair nessa leitura virtualista, que perde de vista todas as materialidades em jogo.

O PENSAMENTO DA IGREJA SOBRE O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

A partir dessa releitura de um panorama amplo em torno da inteligência artificial, podemos agora buscar entender como a Igreja vem pensando especificamente essa evolução tecnológica.

Para entender como a Igreja foi evoluindo em seu pensamento tecnológico, José Marques de Melo (1943-2018) publicou um livro acerca da “Comunicação eclesial: utopia e realidade”, para perceber como o magistério católico foi lidando com a evolução especificamente dos meios de comunicação. Estamos falando de uma tecnologia – a inteligência artificial – que vai além dos meios de comunicação, mas acredito que esses grandes marcos destacados por Marques de Melo valem também para entendermos como a Igreja vem se posicionando hoje em relação à inteligência artificial.



Marques de Melo observa que, no início da Idade Moderna e fim da Idade Média, com a invenção da imprensa – e talvez nesse caldo possamos colocar também todo o desenvolvimento ciência, da astrofísica, no período de Galileu até chegar a Gutenberg – o posicionamento da Igreja era muito forte no sentido da censura e da repressão a tudo que dissesse respeito à evolução tecnológica, particularmente do ponto de vista da comunicação, como a imprensa da época.

Como o surgimento do rádio e do cinema, no pré-Concílio, já se tem uma aceitação maior. Mas, ainda desconfiada com os riscos e os perigos que esses meios podiam trazer para a vida social.


No período do Concílio Vaticano II, podemos citar o decreto *Inter mirifica*, um dos 16 documentos magisteriais aprovados no Concílio. Ele aborda os meios de comunicação social e, no próprio título "*Entre as maravilhosas invenções da técnica*" –, já revela que começava um período de deslumbramento ingênuo, como afirma Marques de Mello. E a televisão em cores aprofundou essa leitura. É um deslumbramento ingênuo com as possibilidades que os meios de comunicação traziam à tona.

E, com a evolução da digitalização, a Igreja, de certa forma, retoma uma perspectiva crítica, agora equilibrada. Marques de Melo chama esse período de "avaliação crítica", em que a Igreja percebe que o desenvolvimento tecnológico é importante, mas que também tem consequências que podem ser prejudiciais.

Acredito que ainda nos encontramos nesse período, em que essa avaliação crítica, às vezes, reforça os tons mais escuros, trazendo mais à tona as problemáticas. No entanto, a Igreja, sem dúvida, também reconhece as potencialidades que, especificamente, a inteligência artificial pode trazer para a sociedade.

DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

Destaco três grandes documentos que nos ajudarão a entender isso. Primeiro, é o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, que faz uma síntese de tudo o que a Igreja pensa do ponto de vista do desenvolvimento técnico e tecnológico, partindo principalmente dos documentos do Vaticano II.



**Compêndio da Doutrina Social da Igreja
(n. 456-460, 2004)**

- Resultados da ciência e da técnica são, em si mesmos, positivos. São sinal e consequência da grandeza divina.
- Atividade humana deve corresponder, segundo o desígnio de Deus, ao bem da humanidade.
- Mais poder, mais responsabilidade, individual e coletiva.
- "Reta aplicação", diante da não neutralidade da técnica. "Manter uma atitude de prudência e examinar com olhos atentos".

A Igreja reconhece que esses resultados são positivos, que são sinais e consequências da própria grandeza divina, do ser humano como continuador da própria criação. O desafio é que essa atividade humana, na leitura eclesial, sempre deve corresponder ao desígnio de Deus, ao bem da humanidade.

A Igreja resguarda esse aspecto ético de que o desenvolvimento tecnológico é importante, é um reflexo da grandeza divina, mas precisa seguir o desígnio divino de bondade e amor em relação à humanidade. O citado Compêndio reconhece que, quanto mais poder, mais responsabilidade, tanto individual quanto coletiva, para que esse poder não se totalize sobre outras pessoas, grupos e sociedades.

Fundamental no Compêndio é a ideia de "reta aplicação", pois se reconhece que a técnica não é neutra. Ela não é nem boa nem necessariamente má, mas também não é neutra e, portanto, precisa ser retamente aplicada pelo ser humano. Nesse sentido, o Compêndio afirma



"Ponto de referência central para toda aplicação científica e técnica é o **respeito ao ser humano**, que deve acompanhar uma indispensável atitude de respeito para com as **demais criaturas viventes**. [...] Ele não deve dispor arbitrariamente da terra [...] Quando se comporta deste modo, [...] o ser humano substitui-se a Deus, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza."

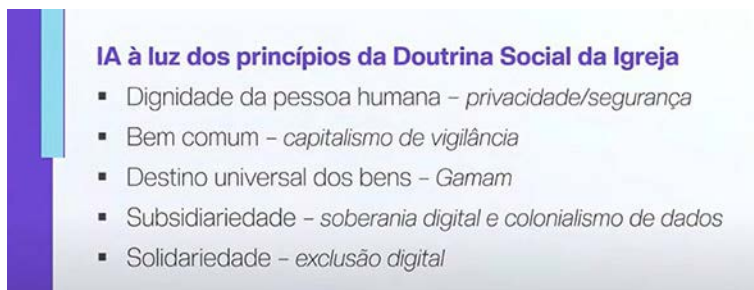
CDSI 459-460

que “é preciso manter uma atitude de prudência e examinar com olhos atentos todo esse desenvolvimento tecnológico” (n. 458).

Outro aspecto que o Compêndio ressalta é que “o ponto de referência central para toda aplicação científica e técnica é o respeito ao ser humano”. Mas o próprio documento reconhece que esse respeito “também deve se estender para as demais criaturas viventes”. Por quê? “Porque o ser humano não deve dispor arbitrariamente da Terra, porque quando ele se comporta assim, o ser humano acaba se substituindo a Deus e, desse modo, acaba por provocar a revolta da natureza”. São aspectos que Francisco também destaca na *Laudato si’*.

IA E DOUTRINA SOCIAL

O Compêndio sintetiza o ensino social da Igreja em cinco princípios. Podemos fazer uma rápida reflexão sobre como a inteligência artificial pode ser compreendida a partir desses cinco princípios.



IA à luz dos princípios da Doutrina Social da Igreja

- Dignidade da pessoa humana – *privacidade/segurança*
- Bem comum – *capitalismo de vigilância*
- Destino universal dos bens – *Gamam*
- Subsidiariedade – *soberania digital e colonialismo de dados*
- Solidariedade – *exclusão digital*

O primeiro é a dignidade da pessoa humana. Sabemos que, muitas vezes, nessas inteligências artificiais, como no exemplo dos padres sob investigação no uso dos aplicativos de relacionamento, uma questão fundamental é a privacidade e a segurança dos nossos dados. As empresas de tecnologia da informação precisam de enormes bancos de dados para o funcionamento de seus sistemas de inteligência artificial, e esses dados muitas vezes são pessoais, são produzidos por cada um de nós. Para resguardar a nossa dignidade, é fundamental que nossa privacidade e a segurança sobre os nossos dados sejam efetivas.

Um segundo princípio é a ideia de bem comum. Não só dos seres humanos, mas também da Casa Comum como um todo, como afirma Francisco. Pensando especificamente no ser humano, percebemos que estamos vivendo um período

de “capitalismo de vigilância”, como afirma Shoshana Zuboff. Ou seja, essas empresas precisam de dados e, portanto, lucram com esses nossos dados. Isso faz parte do processo capitalista contemporâneo. Assim, quando nossos dados pessoais estão sendo usados para gerar lucros para poucos conglomerados ou poucas grandes empresas, a ideia de bem comum acaba sofrendo muitos reveses. E isso também do ponto de vista ambiental, pois, como o foco dessas empresas muitas vezes está apenas no lucro, não interessa nem importa a origem de seus recursos, sejam eles tecnológicos ou energéticos, para manter em funcionamento todos esses sistemas.

Além disso, a doutrina social católica defende o destino universal dos bens. Os bens da Criação devem ser acessíveis para todos e todas, seu destino é universal. Como pensar isso dentro de um cenário digital fortemente marcado por poucos “gigantes”, como as empresas da sigla **Gamam**, mais algumas do ponto de vista da China e do Oriente, que controlam praticamente todo o cenário digital global? Como falar em destino *universal* dos bens, quando essas poucas empresas controlam todo o mercado e praticamente toda a circulação de informações do planeta?

Há também a ideia de subsidiariedade. Como falar de subsidiariedade quando vivemos um período de “colonialismo de dados”, minerados em plataformas digitais com pouquíssimos controles externos, como estamos vendo nos atuais debates aqui no Brasil em torno da transparência e da responsabilidade na internet? Grandes empresas do Hemisfério Norte colonializam e mineram dados que vêm do mundo inteiro, sem muito respeito pelas questões de privacidade e segurança. Sem falar na soberania digital: como o Estado brasileiro defende seus dados para que não sejam utilizados por outros países? E isso não só do ponto de vista geopolítico da nação brasileira, mas também da vida concreta de seus cidadãos: nossos dados são enviados constantemente para os Estados Unidos, para poucos países da Europa, para a China, e são rentabilizados principalmente por empresas locais desses países e regiões.

E, depois, como falar de solidariedade – o quinto princípio do ensino social católico – quando sabemos que todo esse processo acaba se restringindo a uma pequena parcela da população mundial que tem acesso a tais tecnologias – embora tenha até crescido numericamente aos poucos ao longo dos últimos anos? Ainda há uma enorme parcela da população mundial excluída por não ter acesso logístico ou financeiro ao maquinário digital e seus sistemas ou por não estar letrado e alfabetizado para usar as linguagens digitais. Aqui já se percebem questões fundamentais que aparecerão em seguida em outros documentos da Igreja.

CARITAS IN VERITATE

Um segundo documento fundamental nesse período mais recente em que todo esse processo de digitalização foi avançando é a *Caritas in veritate*, de Bento XVI.



Caritas in veritate (2009)

- Técnica é um dado *profundamente humano*, ligado à autonomia e à liberdade (n. 69).
- Na técnica, o ser humano reconhece a si mesmo e *realiza a própria humanidade* (n. 69).
- Superar a visão materialista e entrever um “*mais além*” que a técnica não pode dar (n. 70).
- *Ambivalência* da técnica (n. 14, 70).
- Perigo de visões utópicas e ideológicas (*ideologia tecnocrática*) (n. 14).

Esse documento reconhece a técnica como um dado profundamente humano. Isso é importante, pois significa que a Igreja reconhece que o ser humano é fundamentalmente tecnológico, e a técnica é fundamentalmente humana. Segundo Bento XVI, a técnica expressa a autonomia e a liberdade do ser humano. O desenvolvimento tecnológico, quando retamente aplicado, expressa essa autonomia e liberdade do ser humano.

O Papa Bento XVI diz que na técnica o ser humano não só reconhece a si mesmo, mas também realiza a própria humanidade. É interessante perceber que a própria ideia de “humano” também vai sendo atualizada ou passando por processos de evolução, pelo próprio desenvolvimento tecnológico. O ser humano, em 2023, certamente não é o mesmo de 1980, de 1500, da época de Cristo. Vários aspectos da humanidade vão sendo revelados a partir dessa relação com a tecnologia, porque é a partir dela que reconhecemos aspectos que talvez não estavam identificados até então.

No entanto, é preciso considerar as emergências, aquilo que não é apenas efeito de uma causa, mas emerge do processo como novidade. Bento XVI aponta que, por causa disso, é preciso superar uma visão materialista e entrever um “mais além” que a técnica não pode dar. A técnica é fundamental para entender o ser humano, é claro, porém ela não é a única explicação do ser humano.

Existe um “mais além”, que justamente vai além da técnica. Além disso, por ser ambivalente, a técnica apresenta o risco de visões utópicas e ideológicas.

É a chamada “ideologia tecnocrática”, que já aparece nessa encíclica de Bento XVI, ao resgatar o pensamento do Papa Paulo VI. Trata-se de visões utópicas e ideológicas tanto para os que apostam tudo na tecnologia quanto para os que defendem que devemos voltar ao passado, para outros períodos históricos, freando, de certa forma, o próprio desenvolvimento tecnológico.



"Absolutizar ideologicamente o progresso técnico
ou então **afagar a utopia de uma humanidade**
reconduzida ao estado originário da natureza
são dois modos opostos de separar o progresso
da sua apreciação moral e, conseqüentemente,
da nossa responsabilidade."

CV 14

É justamente aquilo que Bento XVI diz no número 14 da *Caritas in veritate*. Assumir o progresso técnico como um ídolo, como um deus, e absolutizá-lo ideologicamente é um grande risco, pois tira do ser humano a responsabilidade frente às conseqüências disso, colocando-a na própria técnica. É a postura que Umberto Eco chamaria de “integrada” [cf. “Apocalípticos e integrados” (Perspectiva, 2008)], isto é, a postura daqueles que apostam tudo no desenvolvimento da tecnologia. Os “apocalípticos”, seguindo a nomenclatura de Eco, são aqueles que querem voltar a um estado originário da natureza, a um “Éden” perdido. Só que, ao fazerem isso, igualmente deixam de lado sua responsabilidade, sua apreciação moral.

Se o progresso técnico é um absoluto, então o ser humano pode lavar as mãos, porque quem manda no processo é a própria técnica, desvinculada da dimensão sociocultural. E se, pelo contrário, o ser humano quer retornar a um passado que já não é mais acessível, ele também pode lavar as mãos e se isentar de sua responsabilidade no presente, naquilo que já ocorre no desenvolvimento tecnológico. Por isso, considero que esse é um número fundamental para a reflexão que a Igreja propõe.

APRECIÇÃO MORAL E ÉTICA

E depois temos este outro parágrafo da *Caritas in veritate* que é muito importante [que reproduzimos abaixo em imagem].



"O desenvolvimento tecnológico pode induzir à ideia de autossuficiência da própria técnica, quando o ser humano, interrogando-se apenas sobre o **como**, deixa de considerar os muitos **porquês** pelos quais é impelido a agir."

CV 70

É como uma tradução do parágrafo anterior: preocupar-se apenas com o como fazer. É uma visão funcionalista e instrumentalista do processo tecnológico, que não se pergunta sobre os porquês, as razões, as motivações, os princípios, os valores a partir dos quais se quer que o desenvolvimento tecnológico ocorra. Ou seja, Bento XVI enfatiza a importância de uma apreciação moral e também ética desse desenvolvimento tecnológico.

LAUDATO SI'

E o Papa Francisco, com a *Laudato si'*, novamente faz um elogio da tecnologia como uma expressão de criatividade e beleza, mas faz também uma crítica a partir dos riscos de um poder excessivo, a ponto de se tornar domínio, dominação.



Laudato si' (cap. 3, 2015)

- Tecnologia: criatividade e beleza, poder e domínio.
- Nas mãos de quem? Risco de estar numa pequena parte da humanidade.
- Crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento consciente, ético e espiritual do ser humano.

A preocupação do papa é sobre em que mãos vai recair esse poder e esse domínio. Observamos o risco de tudo ficar apenas em uma parte pequena da humanidade, que terá um poder e um domínio muito grandes sobre todo o restante da humanidade. Francisco segue dizendo que, ao longo deste último tempo, pela velocidade dos processos – aquilo que ele chama também de “rapidação” –, o desenvolvimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento na mesma velocidade do ponto de vista da **consciência**, da **ética**, da **espiritualidade** do ser humano.



Globalização do paradigma tecnocrático:

"Sobressai uma concepção do sujeito que progressivamente, no processo lógico-racional, compreende e assim se apropria do objeto que se encontra fora. [...] é explicitamente uma técnica de posse, domínio e transformação. É como se o sujeito tivesse à sua frente a realidade informe totalmente disponível para a manipulação."

LS 106

O Papa Francisco também fala [na imagem acima] da “globalização do paradigma tecnocrático”, em que o sujeito vai sendo ressignificado a partir de um processo lógico-racional e, portanto, deixando de lado outros aspectos fundamentais do ser humano. Nesse paradigma, a técnica se expressa como posse, domínio e transformação de algo que estaria “fora”, como mero objeto do sujeito, como uma realidade informe, totalmente disponível para manipulação.

Do ponto de vista das grandes empresas de tecnologia, muitas vezes é isso mesmo: a sociedade, os dados da sociedade, as informações sobre as nossas vidas, as nossas buscas, os nossos interesses, os nossos gostos, tudo acaba sendo uma mera realidade informe que as empresas manipulam para seus fins, e fins muitas vezes de lucro. Isso, é claro, sem respeito à dignidade, à privacidade, à segurança de todos esses elementos que dizem respeito a nós, mas também às nossas sociedades, à nossa cultura, aos nossos países.

Esse é o paradigma tecnocrático, que também diz muito a respeito do desenvolvimento das inteligências artificiais.

Depois, há ainda aquilo Papa Francisco chama de “ruído dispersivo da informação”. Por exemplo, o próprio ChatGPT, que bebe de gigantescos bancos

de dados e que produz informações constantemente – qualquer coisa que jogamos lá, ele responde, mesmo que seja mentira, como mostrei no início; ele está programado e obrigado a oferecer respostas, por mais estapafúrdias e “alucinatórias” que sejam. O resultado disso pode ser aquilo que Francisco chama de “poluição mental”.



As dinâmicas do mundo digital, “quando se tornam onipresentes, não favorecem o desenvolvimento de uma capacidade de viver com sabedoria [...] no meio do **ruído dispersivo da informação**. [...] A verdadeira sabedoria, fruto da **reflexão, do diálogo e do encontro generoso** entre as pessoas, não se adquire com uma mera acumulação de dados, que, numa espécie de **poluição mental**, acabam por saturar e confundir.”

LS 47

É o risco de uma mera acumulação de dados, que vai gerando essa poluição mental, esquecendo que a verdadeira sabedoria é fruto da reflexão, do diálogo, do encontro generoso entre as pessoas. Assim, muitas vezes acabamos dependendo das tecnologias e perdendo de vista essas outras fontes de sabedoria e inteligência que também são fundamentais, não só para o desenvolvimento social, mas também pessoal de cada um de nós.

SINERGIAS E COMPROMISSOS ASSUMIDOS NO CENÁRIO DE IA

A partir desse panorama, chegamos em algumas sinergias, alguns compromissos que a Igreja foi assumindo a partir dessa perspectiva mais geral e, agora, especificamente com a inteligência artificial. Isso de que tratei aqui a partir do ensino social da Igreja é um panorama geral sobre toda tecnologia, sobre quaisquer tecnologias, mas a Igreja também propõe um debate e uma reflexão específicos sobre o desafio da inteligência artificial.

A partir disso, é importante fazer memória de uma figura fundamental nesse debate [imagem a seguir], mas que muitas vezes acaba sendo esquecida: trata-se de um jesuíta, o italiano Roberto Busa, considerado o inventor do hipertexto. Não só o hipertexto relativo aos links sobre os quais clicamos nos sites da internet, mas sim a ideia de um texto (ou de um conjunto de textos interconectados) que alcança uma dimensão “hiper”.



Logo após defender sua tese doutoral na década de 1940 – seu doutorado foi sobre a obra magna de São Tomás de Aquino –, Busa teve o interesse de estudar as inter-referências em toda a obra de Tomás de Aquino. Ele estava interessado em analisar como certos termos teológicos apareciam nos diversos textos de São Tomás. Ele se questionava: em que contextos um determinado conceito aparece nesses vários textos?

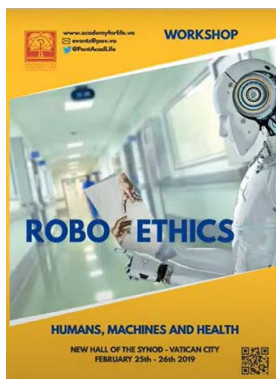
Por isso, no auge da evolução da informática à época, ele viajou aos Estados Unidos para visitar a IBM. Conseguiu conversar com os diretores da empresa para propor o desenvolvimento de um sistema que pudesse fazer a indexação de textos. Ou seja, o início da digitalização de textos e da indexação de palavras começa a partir da ideia genial de Roberto Busa. Até então, os computadores trabalhavam com números; eram grandes máquinas de calcular números. Foi então, a partir da genialidade desse jesuíta, que, de certa forma, os computadores começaram a calcular palavras. É o que chegará até hoje na ideia do próprio ChatGPT, que é uma grande “calculadora de palavras”, que nos responde a partir das probabilidades em torno dos termos já indexados nos enormes bancos de dados de onde ele retira essas informações.

A partir desse cálculo informatizado de palavras, surgiu o *Index Thomisticus*, o grande processo de digitalização e indexação de toda a obra *omnia* de São Tomás de Aquino e de alguns outros textos que comentam a obra, em um processo que se estendeu de 1949 até 1980. Esse religioso é uma figura fundamental para entendermos o desenvolvimento que está no centro da interface Igreja e inteligência artificial.

ROBOÉTICA


Também destaco dois eventos recentes [seus banners estão reproduzidos na imagem abaixo], que foram promovidos pela Igreja por meio da Pontifícia Academia para a Vida, na figura de Dom Vincenzo Paglia. O tema da assembleia

plenária, em 2019, girou em torno da “roboética”, ou seja, não só a robótica, mas também de uma ética para o desenvolvimento da robótica. De modo mais específico, foi debatida a relação entre os humanos, as máquinas e a saúde, que, aliás, é um campo onde esses processos já vão avançando enormemente, como comentei antes.



Já em 2020, pouco antes da eclosão da pandemia, outra assembleia plenária da Pontifícia Academia debateu a questão dos algoritmos. É possível um bom algoritmo? E, na ocasião, o tema foi a relação entre inteligência artificial, ética, direito e saúde.

Esses dois grandes eventos contaram com a participação do Papa Francisco, seja presencialmente, seja com um discurso enviado para as reflexões. Trago aqui alguns pontos centrais dessas participações papais, porque eles mostram como a Igreja vem pensando, a partir do Papa Francisco e de seu protagonismo nesse debate, essas questões.



Riscos e desvios da IA

- Capacidades tecnocientíficas vs. aumento dos conflitos e das desigualdades.
- "O 'poder fazer' corre o risco de obscurecer o *quem faz* e o *para quem se faz*."
- "Já é real o risco de que o *ser humano seja tecnologizado*, em vez de a técnica ser humanizada."

Primeiramente, em seus dois discursos, Francisco destacou alguns riscos e desvios nesse processo de desenvolvimento da robótica e da inteligência artificial. Um deles é que existe um grave paradoxo entre as capacidades da ciência e da tecnologia contemporânea e, ao mesmo tempo, o aumento dos conflitos e das desigualdades. Há uma enorme lacuna aí, e isso é um paradoxo, pois como é que um ser humano consegue alcançar um grande desenvolvimento técnico-científico em diversos aspectos da vida humana, mas, ao mesmo tempo, não é capaz de (ou não quer?) resolver e conter o aumento dos conflitos e das desigualdades sociais?

Depois, o papa destaca a questão do paradigma tecnocrático: a ideia de um poder-fazer que pode obscurecer o sujeito que faz e para quem se faz. Aqui, nesse “sujeito”, podemos incluir não só os humanos, mas também todas as outras criaturas viventes que sofrem os efeitos desse paradigma.

HUMANO TECNOLOGIZADO

Afinal, quem faz esses processos? Quem é o sujeito? Às vezes, perdemos de vista que esses sistemas e essas máquinas não “caíram do céu”, mas existem como fruto da criatividade e da imaginação do ser humano, de pessoas que os pensaram. Mas os pensaram a partir de quais princípios, de quais valores, de quais interesses? E para quem os fizeram? Com quais fins e interesses? Com quais objetivos? Com quais custos? E para quem? Pergunto essas coisas tanto do ponto de vista humano quanto do ponto de vista do planeta como um todo.

O Papa Francisco diz que já é real o risco de que o ser humano seja tecnologizado, ao invés de a técnica ser humanizada. Nesse ponto, ainda aparece um certo dualismo entre o humano e a técnica. Apesar disso, o que o pontífice quer destacar é justamente que, embora haja uma dualidade, existe aí também uma interface possível, que precisa ser pensada e elaborada em convergência e sinergia. Caso contrário, será apenas uma das facetas desse processo que terá a predominância, ou seja, o âmbito tecnológico, escanteando outros aspectos relevantes que compõem e moldam o humano e a realidade.

CAPITALISMO DE DADOS

Depois, há uma outra série de riscos e desvios aos quais o papa aponta e que já vivemos hoje. Por exemplo, a redução dos usuários a meros consumidores subordinados a interesses privados concentrados nas mãos de poucos, a ideia de um capitalismo de vigilância, um capitalismo de dados, um colonialismo de dados a serem minerados por essas empresas, coletados, elaborados, processados para que possam gerar lucro. Nesse processo, corremos o risco de ser apenas elementos de uma máquina de geração de dados e informações.



Riscos e desvios da IA

- Usuários reduzidos a “consumidores”, subordinados a interesses privados concentrados nas mãos de poucos.
- *Extração de dados* para fins comerciais ou políticos, muitas vezes sem o nosso conhecimento.
- *Aumento das desigualdades* devido à acumulação do conhecimento e da riqueza em poucas mãos
- *Assimetria digital*, em que poucos sabem tudo sobre nós, enquanto nós não sabemos nada sobre eles.
- *Entorpecimento* do pensamento crítico e do exercício consciente da liberdade.

Essa extração de dados ocorre tanto para fins comerciais quanto políticos e econômicos, e, muitas vezes, sem o nosso conhecimento e consentimento. Novamente, aparece aqui a ideia da privacidade e da segurança sobre os nossos dados que disponibilizamos nas redes digitais ou em outras plataformas específicas, como o próprio ChatGPT. Para onde vão esses dados? O que é feito com nossas fotos, nossos vídeos, nossas curtidas, nossos comentários, nossos documentos que subimos para essas plataformas?


O papa também aponta para um aumento das desigualdades devido à acumulação do conhecimento e da riqueza em poucas mãos. Essas “mãos” são principalmente as da Gamam, aquelas cinco empresas que dominam boa parte do mercado digital, aumentando as desigualdades e gerando pobreza, seja na extração mineral, para poder construir todo o maquinário necessário e mantê-lo em funcionamento, seja do ponto de vista simbólico-cultural, a partir justamente da extração de dados para usos que nós não controlamos.

É a *assimetria digital* para a qual Francisco chama atenção, em que poucos sabem tudo sobre nós, enquanto nós não sabemos nada sobre eles. Essas empresas sabem muitas coisas sobre nós, mas o que nós sabemos sobre elas, sobre o funcionamento dessas plataformas, sobre o funcionamento do ChatGPT, por exemplo? Quais bancos de dados ele utiliza? De onde tira as informações? A partir de que biblioteca ele gera essas respostas?

E, depois, o entorpecimento do pensamento crítico e do exercício consciente da liberdade, a partir dessa sobrecarga de informações. Com isso, o pensamento crítico e o exercício consciente da liberdade podem ficar entorpecidos, em uma “poluição mental”, como o Papa Francisco a define.

DESAFIOS PARA A IGREJA

A partir dessas “sombas” do desenvolvimento tecnológico recente, Francisco também lança alguns desafios para a Igreja. Em seus discursos, percebemos que o papa posiciona a Igreja para poder lidar com essa situação não apenas como um agente passivo dos processos, mas também assumindo um protagonismo nos diversos âmbitos que lhe competem.



Desafios para a Igreja

- *Serviço da humanidade e proteção da casa comum.* “A inerente dignidade de cada ser humano deve estar tenazmente no centro da nossa reflexão e da nossa ação.”
- *Compreender melhor o significado de inteligência, consciência, emotividade, intencionalidade afetiva e autonomia do agir moral.* “Os dispositivos artificiais que simulam capacidades humanas, na realidade, estão privados de qualidade humana.”
- *Dimensão humana integral:* “complexidade da sinergia de *psiche* e *techne*”, interconexão entre consciência (de si e do mundo) e corpo humano.

O primeiro desafio é ao defender que esses sistemas atuem a serviço da humanidade e da proteção da casa comum. São dois aspectos fundamentais e inter-relacionados. Muitas vezes, o centro da questão ainda acaba sendo o ser humano, correndo o risco de um certo antropocentrismo também do ponto de vista eclesial – embora o Papa Francisco o critique. A ideia central, em suma, é esta: como proteger a vida do planeta dos riscos que o desenvolvimento tecnológico pode gerar?

Depois, a grande questão que emerge a partir desse debate: o que é o ser humano, afinal? Se nós chamamos esses outros sistemas de “inteligentes”, então o que é a nossa inteligência? Quem somos nós, que nos consideramos *sapiens*? Francisco diz que é necessário compreender melhor o significado de inteligência, consciência, emotividade, intencionalidade afetiva e autonomia do agir moral. Neste tempo de inteligências artificiais, o que tudo isso significa? É preciso repensar, é preciso pôr em debate. Isso porque, como diz o papa, muitas vezes “os dispositivos artificiais que simulam capacidades humanas, na realidade, estão privados de qualidade humana”.

Novamente, no discurso, pode-se acabar caindo em um certo antropocentrismo (situando apenas o ser humano como parâmetro do universo), mas, no fundo, o que Francisco quer destacar acerca dessa questão é: o que qualifica o ser humano frente às tecnologias? A partir dessas tecnologias criadas à imagem e semelhança do ser humano, quem é o ser humano? Porque a preocupação do papa, que aparece também na *Laudato si'*, é a dimensão humana integral, não só cerebral, lógico-matemática, mental, mas a “complexidade da sinergia de *psisiche* e *techne*, a interconexão entre a consciência de si mesmo e do corpo humano”. Se o antropocentrismo situava o ser humano como “medida de todas as coisas”, hoje estamos praticamente invertendo a moeda, situando as máquinas como “medida do ser humano”: frente a elas, o ser humano não seria tão inteligente assim... Desse modo, nosso diferencial sapiencial, como *Homo sapiens sapiens*, entra em xeque. Então, volta a pergunta: o que é o ser humano, afinal?

A ênfase do papa na “complexidade da sinergia” entre tudo aquilo que constitui a nossa humanidade é muito relevante nesse debate, pois, muitas vezes, na mentalidade e no imaginário dos indivíduos e dos grupos que produzem essas máquinas (a “religião” do Vale do Silício), há uma ideia do ser humano como puro cérebro, que, como nos desenhos infantis, poderia até ser colocado em uma jarra de formol, a fim de conservar a nossa memória ad aeternum, para que futuramente possa ser “baixada” em um novo corpo sintético incorruptível.

Entre os grandes diretores das big tech, muitos dos quais assinaram aquela moratória na inteligência artificial, há também defensores da criogenia, do congelamento de corpos humanos, a fim de serem reanimados quando a tecnologia estiver disponível. A ideia é poder realizar o download de todas as informações que estavam no nosso cérebro daqui a algumas centenas ou milhares de anos, quando a tecnologia for capaz de ressuscitar cadáveres, conseguindo novamente reunir mente e corpo.

Tudo isso é uma visão que perde de vista justamente a dimensão humana *integral*, a complexidade dessa sinergia, de tudo aquilo que nos compõe como pessoas humanas e a interconexão entre corpo, mente e espírito. Somos corpo, mente e espírito, de modo indissociável. A nossa mente está intimamente relacionada com essa integralidade do ser humano. São questões desafiadoras para a Igreja frente ao desenvolvimento da inteligência artificial.

AGIR E REFLETIR A PARTIR DA FÉ

Do ponto de vista eclesial, o desafio é agir e refletir a partir da fé, obviamente.



Ação e reflexão a partir da fé

"Caminhar juntamente com os outros, escutando atentamente e pondo em relação experiência e reflexão [...] deixar-nos interpelar para que a Palavra e a Tradição da fé nos ajudem a interpretar os fenômenos do nosso mundo, identificando caminhos de humanização."

Os verbos que Francisco utiliza em seus discursos, nesse sentido, são muito interessantes [veja na imagem acima]. Ele diz: *"Caminhar* juntamente com os outros, *escutando* atentamente e *pondo em relação* experiência e reflexão". Isso para que não ocorra de novo essa ruptura entre o desenvolvimento tecnológico e a reflexão sobre os princípios, os valores e os elementos éticos desse desenvolvimento tecnológico. É significativa essa imagem de uma Igreja que caminha junto com os responsáveis pelo desenvolvimento tecnológico.

Esse caminho envolve, em primeiro lugar, o gesto de se pôr a escutar, tentando entender, sem partir de apriorismos e oferecendo como dom a própria experiência e sabedoria eclesial, para que essas empresas e grupos também possam refletir – e não simplesmente agir – sobre seu próprio “poder-fazer”. Assim, entra em cena aqui a relevância não só do “poder-fazer”, mas principalmente do “saber-fazer”, do “deixar-se interpelar” para que a palavra e a tradição da fé nos ajudem a interpretar os fenômenos do nosso mundo, identificando caminhos de humanização, para que a técnica esteja a serviço do ser humano e da casa comum.

DESAFIOS PARA A TEOLOGIA

A partir daí, Francisco lança um desafio especificamente para o campo da teologia.

Ele aponta que é preciso haver uma renovação das disciplinas teológicas, resgatando aquilo que o próprio Concílio Vaticano II solicitou. Muito claramente,

ele fala que seria decididamente contrário à tradição genuína da Igreja fixar-se em um aparato conceitual anacrônico, ou seja, tentar entender, refletir e interpretar a inteligência artificial a partir de um aparato conceitual que já não condiz com o presente. É preciso reconhecer as profundas transformações de vários conceitos fundamentais à teologia, por exemplo, natureza, artifício, condicionamento, liberdade, meios, fins; transformações que ocorrem justamente neste período da tecnologia digital.



Renovação das disciplinas teológicas (CVII)

"Seria decididamente contrário à nossa tradição mais genuína fixar-se num aparato conceitual anacrônico, incapaz de dialogar adequadamente com as transformações do conceito de natureza e de artifício, de condicionamento e de liberdade, de meios e de fins, induzidas pela nova cultura do agir, própria da era tecnológica."

Determinadas conceituações de natureza já não fazem mais sentido hoje, especialmente quando fica cada vez mais evidente que o próprio ser humano é profundamente tecnológico e, portanto, profundamente "artificial". Basta olhar tudo aquilo que precisamos para viver: quantos artifícios e quantos artefatos! Sem muitos deles, talvez sequer sobreviveríamos, literalmente. E, ainda, a nossa própria inteligência, as artificialidades que compõem a nossa inteligência. Para nos tornarmos pessoas inteligentes, em nossa educação e em nossa formação precisamos de lápis, papel, livros, cadeiras, lousas, toda uma estrutura chamada escola. Quantas artificialidades! Então, o que é inteligência, afinal? O que é artificial? O que é natural? São conceitos que entram em xeque também do ponto de vista da reflexão teológica.

DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO

Francisco apresenta ainda um desafio para o campo educacional. Afinal, a Igreja tem um grande papel do ponto de vista pedagógico.

Para Francisco, *"a simples educação para o uso correto das novas tecnologias não é suficiente*. Não basta saber usar porque elas não são apenas instrumentos e muito menos instrumentos neutros", elas moldam toda a vida social, os processos culturais, como a questão da violência, como eu dizia lá no início em

relação ao Twitter, a questão da paz, do ponto de vista da guerra, a questão da saúde etc. Não é apenas um “bom uso” que vai fazer a diferença.



Educação e mediação

"A simples educação para o uso correto das novas tecnologias não é suficiente: elas não são de fato instrumentos 'neutros' [...]. Há uma necessidade de uma *ação educativa mais ampla*. [...] Em outras palavras: não basta confiar simplesmente na sensibilidade moral daqueles que fazem pesquisa e projetam dispositivos e algoritmos; é preciso, ao contrário, *criar corpos sociais intermediários* que garantam a representação da sensibilidade ética dos usuários e educadores."

O papa diz ainda que *“há uma necessidade de uma educação, de uma ação educativa mais ampla. Em outras palavras, não basta confiar simplesmente na sensibilidade moral daqueles que fazem as pesquisas e projetam todos esses dispositivos de algoritmos; é preciso, pelo contrário, criar corpos sociais intermediários que garantam a representação da sensibilidade ética dos usuários e dos educadores”*.

Então, não basta apenas educar o usuário e nem só o designer, o projetista, o programador dessas tecnologias, embora sejam papéis importantes. A questão precisa ser mais ampla: como a Igreja pode criar esses corpos sociais intermediários? Como a Igreja local, aqui no Brasil ou nas diversas dioceses, nas diversas instituições eclesiais para além da educação direta, pode pensar o desenvolvimento desses corpos sociais intermediários? Ou seja, agentes sociais, instituições, grupos, coletivos, organismos que também façam a diferença no jogo tecnológico. Isso porque o desenvolvimento tecnológico, e assim foi ao longo da história, não é obra unicamente de instituições ou empresas específicas. É obra da sociedade como um todo, por meio dos diversos agentes sociais, em um processo de (re)invenção social da tecnologia. E, portanto, a Igreja tem um papel fundamental também no desenvolvimento dessas tecnologias, nas que já existem, mas também nas que poderão vir a surgir.

ALGORÉTICA

Nas tensões, nas disputas, nos jogos de poder, nos lobbys, no debate sobre todas essas questões, a Igreja pode ser um desses corpos sociais intermediários,

fundamentais para condicionar esse desenvolvimento tecnológico. Talvez ela não consiga agir diretamente sobre a construção efetiva das máquinas contemporâneas nem transformar totalmente o desenvolvimento tecnológico em geral, porque ela é um ator social entre diversos outros que também estão se questionando sobre tudo isso. Mas, sem dúvida, pela sua história, pela sua sabedoria, pela sua capilaridade social, a Igreja tem um papel muito importante a realizar, e isso não só do ponto de vista da Santa Sé, mas também nas várias Igrejas locais, no seu raio de alcance.

E aqui surge a grande proposta de uma algorética. Assim como há a necessidade de uma roboética, do ponto de vista da robótica, um dos elementos centrais que aparecem explicitamente nesses discursos do Papa Francisco é a importância de uma algorética. É, também, um termo que vai aparecer nas obras de Paolo Benanti, frei franciscano italiano, membro da Pontifícia Academia para a Vida.

Benanti tem diversas publicações sobre o assunto, inclusive no próprio site do IHU. Há um livro dele publicado em 2020 pela editora Unisinos [*Oráculos: entre ética e governança dos algoritmos*], no qual ele propõe o debate sobre uma ética para o desenvolvimento de algoritmos e da inteligência artificial.

O papa resgata esse conceito de algorética e diz que é preciso “repensar todo o processo de elaboração dos dispositivos tecnológicos, da pesquisa até o uso e as responsabilidades de cada competência específica”. Trata-se de repensar o desenvolvimento tecnológico a partir de um ponto de vista ético, desde os desenvolvedores, passando pela distribuição de seus produtos, pelas indústrias que constroem esses maquinários, por todos os agentes que estão no jogo dessas linguagens digitais, até chegar ao nosso uso diário, cotidiano, pessoal e individual.



Algorética

Repensar todo o processo de elaboração dos dispositivos tecnológicos (da pesquisa ao uso) e as responsabilidades de cada competência específica.

Tornar os princípios da DSI inscritos nas tecnologias, mediante um diálogo transdisciplinar eficaz.

Direitos humanos como ponto de convergência na busca de uma base comum.

Francisco afirma que um dos desafios é tornar justamente os princípios da doutrina social da Igreja inscritos nessas tecnologias, mediante um diálogo transdisciplinar eficaz. Um desafio gigantesco: fazer com que aqueles cinco princípios possam também se refletir nas tecnologias que nós usamos, nos usos que delas fazemos e no funcionamento do ecossistema tecnológico como um todo.

DIREITOS HUMANOS

Um elemento comum de convergência para todo esse campo, que não é necessariamente religioso e muito menos católico, são os direitos humanos. É um elemento que o papa destaca também: os direitos humanos como um fundamento básico, “um ponto de convergência na busca de uma base comum”.

No fim da assembleia plenária da Pontifícia Academia para a Vida em 2020 – cujo tema central foi o bom algoritmo e a inteligência artificial – foi realizado um outro fórum [ver imagem abaixo], chamado de “renAissance”, que propunha uma inteligência artificial centrada no humano.



Nesse encontro estiveram presentes representantes da Microsoft, da IBM, do Parlamento Europeu, da FAO e do governo italiano. Dom Vincenzo Paglia, da Pontifícia Academia para a Vida, representou a Igreja. O Papa Francisco também acolheu os participantes da assembleia em uma audiência privada.

Pois bem, aqui estava o embrião de um desses corpos sociais intermediários que o papa desafiava a ser construído. A partir daí, surgiu um primeiro fruto concreto, o “Apelo de Roma para uma Ética na Inteligência Artificial”, o “*Rome Call for AI Ethics*”.



No ano seguinte, como fruto desse apelo, nasceu a Fundação RenAIssance, que tem como objetivo fomentar esse debate. É uma organização sem fins lucrativos e que deseja apoiar justamente a reflexão sobre essas questões, tanto do ponto de vista antropológico quanto do ponto de vista ético, sobre a relação das novas tecnologias e a vida humana.

Essa fundação é um eixo de articulação de eventos, publicações, subsídios científicos e filosóficos, e reflexão junto a outros organismos. Ela tem uma articulação direta com organismos da sociedade civil, Estados, universidades, centros de pesquisa, empresas privadas e públicas, justamente para promover o debate e agir no próprio desenvolvimento dessas inteligências artificiais. É uma ação concreta da Igreja no campo do desenvolvimento tecnológico, para além de sua reflexão.



Em fevereiro de 2023, esse apelo ampliou seu leque de assinaturas, com a convocação de representantes das outras religiões abraâmicas. Com isso, o apelo de Roma por uma ética na inteligência artificial passou a contar também com a assinatura de um representante do islamismo, um dos membros do Conselho de Fatwa dos Emirados Árabes Unidos, um órgão importante do ponto de vista das diretrizes islâmicas, e de um representante do Conselho do Rabinato-Chefe de Israel, um dos principais órgãos do judaísmo no mundo. É outro gesto simbólico e ao mesmo tempo concreto, que também poderá gerar frutos na reflexão e na prática do desenvolvimento tecnológico.

O APELO DE ROMA

O documento parte de três áreas de impacto da inteligência artificial.



O primeiro deles é, do ponto de vista ético, a preocupação de que esses sistemas de inteligência artificial sejam concebidos, projetados e implementados para servir e proteger os seres humanos e o ambiente.

Depois, do ponto de vista da educação, o documento diz que transformar o mundo por meio da inovação da inteligência artificial significa empreender a construção de um futuro para e com as gerações mais jovens, como educação de qualidade também.

Já do ponto de vista dos direitos, o apelo defende que é preciso proteger e resguardar os direitos pessoais e sociais, particularmente dos mais fracos, dos menos privilegiados e do planeta.

Essas são as três grandes áreas. Depois, o documento assume também seis princípios para direcionar o desenvolvimento da inteligência artificial, sob a inspiração de uma algorética.

Transparência



Por princípio, os sistemas de IA devem ser explicáveis e compreensíveis.

Inclusão



Os sistemas de IA não devem discriminar ninguém, porque todos os seres humanos são iguais em dignidade.

Responsabilidade



Sempre deve haver alguém que assuma a responsabilidade por aquilo que a IA faz.

Detalhando os seis princípios:

1) **Transparência:** os sistemas de inteligência artificial devem ser explicáveis e compreensíveis. Os algoritmos utilizados para o funcionamento do ChatGPT, por exemplo, são totalmente transparentes para o usuário? Nós compreendemos seu funcionamento básico? Eles são explicáveis para nós? É preciso essa transparência.

2) Esses sistemas também precisam ser inclusivos: não podem discriminar, não podem ser tendenciosos nas informações que produzem, porque a dignidade de todos os seres humanos deve ser resguardada. Preconceito, discriminação, violência não podem ser produtos desses sistemas.

3) **Responsabilidade:** se existe um sistema de inteligência artificial, alguém tem que responder por ele. Um ser humano, uma pessoa, uma instituição. Um sistema de inteligência artificial não pode ser simplesmente jogado no mercado e ninguém assumir suas consequências. É o que está ocorrendo, por exemplo, com a empresa OpenAI, desenvolvedora do ChatGPT, que muitas vezes diz que não controla os processos e não pode assumir as consequências que esse sistema traz.

Imparcialidade



Os sistemas de IA não devem agir com tendenciosidade, a fim de proteger a justiça e a dignidade humana.

Confiabilidade



Os sistemas de IA devem funcionar de modo confiável.

Segurança e privacidade



Os sistemas de IA devem funcionar com segurança e respeitar a privacidade dos usuários.

4) **Imparcialidade:** os sistemas de inteligência artificial não podem ser tendenciosos do ponto de vista político, do ponto de vista econômico, do ponto de vista cultural.

5) **Confiabilidade:** os sistemas de inteligência artificial também têm que ser confiáveis. As informações e as respostas que eles oferecem não podem conter *fake news*, não pode mentir. Por exemplo, não podem dizer que eu, Moisés, sou formado em filosofia, porque isso é uma mentira.

6) **Segurança e privacidade:** os nossos dados estão seguros? Nossa privacidade está resguardada nesses sistemas? Sabemos, por vários outros escândalos, começando pelo da Cambridge Analytica na eleição do Trump, como essa questão da segurança e da privacidade é ainda muito instável dentro de todo o desenvolvimento tecnológico digital.

Esses são os seis princípios a partir daquelas três áreas que o documento traz ao debate e são fundamentais. É uma contribuição bastante concreta que a Igreja oferece para a reflexão e a prática do desenvolvimento tecnológico recente em torno das inteligências artificiais.

COM A PALAVRA, NOSSAS IRMÃS

● SESSÃO INTERNACIONAL ● DE REVIGORAMENTO ESPIRITUAL E VICENTINO PARA IRMÃS DE 7 A 10 ANOS DE VOCAÇÃO

Ir. Elisa Cássia Nobre, fc

Abramo-nos ao Espírito para Ir e SAIR porta afora...

Ephata... esse chamado da Companhia foi acolhido, celebrado e gradualmente se tornou um desejo pessoal, tanto quanto um desejo Comunitário e Provincial: Renovar o nosso Olhar, nosso coração, nosso espírito e nossa disponibilidade, para além do que está próximo...

Um chamado para passarmos do “Conhecido Cotidiano” a uma maneira mais ampla de pensar... Integrando no mais profundo de nosso SER o fato de que, seja qual for a região do mundo, nossa humanidade é comum, nossa Casa é comum, a Companhia é “uma” com toda sua diversidade (Ir. Françoise Petit).

A Sessão Internacional Vicentina foi uma experiência incrível, dias e momentos que nos levaram a fazer uma profunda experiência de fé, de nos encontrarmos com Deus e com os outros. De percorrer os caminhos vividos por nossos fundadores e santos. Vivermos a abertura ao Espírito Santo e nos renovar, renovar o nosso sentido de pertença, abrir-nos a Deus, às Irmãs, aos pobres e ao mundo.

Os anúncios de Deus são sempre surpresas porque Ele nos surpreende, e como fui surpreendida durante a sessão! Só o fato de ter a graça de conhecer e estar na Casa Mãe, na Capela onde Nossa Senhora apareceu a Catarina Labouré, foi para mim momento de imensa gratidão, primeiro a Nossa Senhora por ser uma Mãe que cuida de mim, de todos nós e nos atende em nossas necessidades com a sua intercessão, e a Catarina porque foi ela quem me ajudou em meu discernimento vocacional, numa invocação feita através de sua medalha em um momento em que estava vivendo muitas tribulações e dúvidas quanto à vocação.

Nas peregrinações, o testemunho e a história dos santos muito me tocou, principalmente a de Margarida Rutan, que viveu numa época em que a mulher não tinha voz, fez e serviu muito aos pobres e todos aqueles que chegavam até aquele local. Ela fez muitas coisas, não só no hospital, mas não fez barulho... São Vicente nos pede prudência, ela fez tudo com

humildade e com a comunidade. A capela foi construída 10 anos antes de sua morte; lá ela viveu a missão de vida até o fim.

Outra coisa que me tocou bastante foi a alegria, simplicidade, leveza, fraternidade vivida na convivência com a Superiora Geral, o Conselho, conferencistas e entre nós.

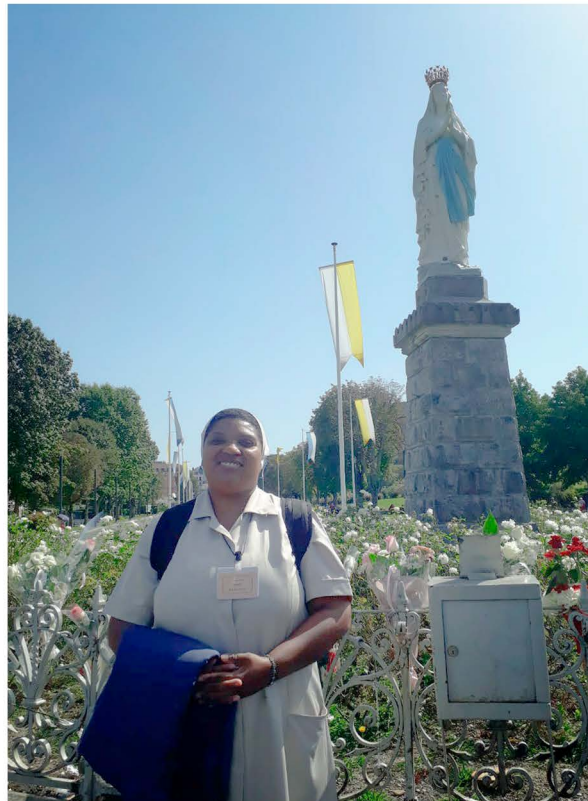
Outra coisa que ficou para mim foi enxertar na minha vida o que é essencial, fixar o olhar em Cristo, mas também vê-Lo presente no irmão. Vieram-me forte as Irmãs que não tiveram a oportunidade desta experiência e deixaram a Companhia, coloquei-as em minhas orações.

No todo, tudo foi muito bom, bem planejado, elaborado e organizado.

Agradeço a Visitadora, o Conselho, e a Província por terem me possibilitado esta magnífica experiência.

A todos minha gratidão e orações.





◆ ESTÁGIO DE VOTOS – SEMINÁRIO 2023 ◆

Ir. Bruna Fonseca Moreira, fc

Ir. Ludmila Gonçalves, fc

Ir. Renata Aparecida Matuoka Correia, fc

Ir. Vanessa Oliveira Rosa, fc

“Quanto ao vosso desejo, é muito louvável, porque não basta começar bem, é preciso perseverar como acredito ser vosso propósito.”

(Santa Luísa de Marillac – C. 354)

Entre os dias 10 de setembro a 01 de outubro de 2023, no Seminário Catarina Labouré em Curitiba - PR, realizamos nosso Estágio de Votos. Com espírito de alegria e fraternidade, iniciamos este tempo de estudo e aprofundamento com a Missa de abertura presidida pelo Pe. Marcos Gumieiro - Diretor Provincial, que ressaltava a importância desse tempo de estágio, no qual voltamos às fontes imbuídas pelo Carisma e vivência na missão.



Nossas assessorias contaram com representantes da vida consagrada, leigos e Irmãs das nossas duas províncias (Curitiba e Rio de Janeiro). Os temas propostos foram trabalhados de forma dinâmica e participativa; a seguir partilhamos alguns pontos-chaves de nossas reflexões.

Integração do humano e espiritual na Vida Consagrada -

Frei Vagner Sanagiotto, Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo. Fomos convidadas a fazer memória de nosso chamado vocacional, em que *“a vida e vocação andam entrelaçadas, sempre juntas”*.

Seguimento de Jesus Cristo como Filha da Caridade – Pe. Marcos Gumieiro, CM – Diretor Provincial, abordou como tema a importância da atenção à Sagrada Escritura, às nossas Constituições, Estatutos e documentos da Igreja para melhor seguimento de Jesus Cristo.

Sentimento de Pertença e Internacionalidade da Companhia - Irmã Therezinha Remonato, FC - Província de Curitiba, ressaltando que *“Os laços que unem cada Filha da Caridade à Companhia são de um compromisso mútuo, confirmados pelos votos”*.

Ética no uso da internet - Formação da consciência e discernimento diante

das novas tecnologias e redes sociais – Prof. João Eduardo Dias – Ele colocou-nos que *“Se a comunicação é apenas um modo de funcionar, bastam algumas técnicas. Agora, se é um modo de ser, a comunicação se configura também pelo disciplinado”*.

Vida comunitária no contexto da Vida Consagrada - Comunhão Trinitária - Irmã Dirce Edi Kottwitz, FC – Província de Curitiba, que colocou que *“A vida fraterna possibilita o cumprimento da vontade de Deus, sendo apoio mútuo para o exercício da missão e encontro com Deus. Devemos respeitar e acolher a individualidade de cada uma na alegria verdadeira, sendo testemunhas de fraternidade”*.

Teologia dos Votos na Vida Consagrada - Pe. Antônio Royk Sobrinho, OSBM colocou que *“A Vida Consagrada é um caminho de conversão, constante, lento e progressivo durante toda a vida.”*

Voto de Castidade - Irmã Neriuzza Franco, FC - Província de Curitiba lembrou-nos que *“A castidade requer a liberdade de coração para viver com mais intensidade o amor a Deus e o próximo”*.

Voto de Obediência - Irmã Ivete Negrelli, FC - Província de Curitiba recordou-nos que a *“A obediência é uma entrega total à vontade do Pai através das mediações humanas que nos ajudam a vivenciar com fidelidade a nossa vocação”*.

Voto de Pobreza - Irmã Maria Ivani de Oliveira, FC - Província de Curitiba refletiu conosco sobre o voto de pobreza, que consiste *“em sabermos nos relacionar com os bens que possuímos, pois eles nos ajudam a bem servir os Pobres”*.

Voto do Serviço dos Pobres - Irmã Cleonice Regina Claudino, FC - Província de Curitiba afirmou que *“O serviço dos Pobres não pode ser visto como uma poesia, mas é preciso ser encarnado em nós como uma missão, um serviço a Cristo”*.

Virtude do Espírito da Filha da Caridade - Humildade, Simplicidade e Caridade - Irmã Vilma Geopato, FC - Província de Curitiba, refletiu conosco que *“A nossa espiritualidade é ser serva e o nosso espírito é a Humildade, Simplicidade e Caridade”*.

Importância e perseverança na vida de oração e nos Sacramentos - Irmã Paula Pereira Alves, FC - Província de Curitiba, colocou que *“Sem um momento precioso de encontro com Jesus perdemos nossa alma enquanto pregamos o Evangelho aos outros... Os sacramentos são sinais concretos e visíveis do amor de Deus a cada um/uma de nós, seus filhos/as”*.

Votos na Companhia das Filhas da Caridade - Irmã Carolina Mureb, FC - Província do Rio de Janeiro, falando sobre os Votos, colocou: *“Os votos são compreendidos e aprofundados progressivamente porque o dom total abrange*

todas as dimensões da vida da Filha da Caridade. É a capacidade de deixar cada vez mais espaço para Deus. Esta disponibilidade à graça suscita força e alegria para perseverar ao longo do tempo”.



Iluminadas pelos momentos de reflexão, oração e partilhas, fizemos memória de nossa caminhada vocacional, tomando consciência que nas adversidades e alegrias do dia a dia o Senhor nos conduziu e se revelou a nós na oração, nas Irmãs, nos pobres e pessoas que fazem parte da nossa vida e nos acontecimentos.

Gratidão primeiramente a Deus, que nos escolheu a uma vocação tão bela de Ser Filha da Caridade, às nossas visitadoras Irmã Dirce Edi Kottwitz e Irmã Selma Aparecida dos Santos, aos Conselhos Provinciais, à equipe de formação de nossas províncias e de maneira muito afetuosa à Irmã Lucia Pereira e à Irmã Elídia Roberto dos Santos que nos receberam com tanto carinho neste tempo de estágio. Nosso agradecimento às Irmãs de nossas comunidades locais e às Irmãs de nossas províncias, que nos acompanharam com suas orações. Tenham a certeza das nossas orações e continuem rezando pela nossa perseverança e fidelidade.

NOTÍCIAS

● ENCONTRO INTERPROVINCIAL DE IRMÃS ● ATÉ 15 ANOS DE VOCAÇÃO: LUZ DE PENTECOSTES: ESCUTAR – DISCERNIR – PARTIR

Ir. Mariana Hable, fc

Ir. Maria Lúcia Ramos, fc

Ir. Maria Rita Barreto da Rosa, fc

“Estejam impressos em minha alma os traços de Jesus Cristo.”

(Santa Luísa de Marillac)

Neste momento celebrativo dos 400 anos da Luz de Pentecostes, reacende em toda a Companhia das Filhas da Caridade a chama do Espírito de Deus que interpelou Luísa a doar-se generosamente, de forma a “estarem impressos na sua alma os traços de Jesus Cristo”. Animadas e interpeladas por tão grande Luz, nós Irmãs Jovens de até 15 anos de vocação das Províncias de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Curitiba, nos reunimos entre os dias 07 e 10 de setembro de 2023, na cidade de Curitiba, para refletirmos, convivemos, fortalecemos-nos mutuamente e rezamos nossa vocação.

Éramos ao todo um grupo de 26 Irmãs neste Encontro Interprovincial que já se inclui dentro da proposta de reconfiguração das províncias no Brasil e foi marcado pelas partilhas e vivências em grupo. Como tema central meditamos sobre: Escutar-Discernir-Partir, e fomos convidadas a renovar o nosso chamado, acolhendo esse momento como um tempo de Graça e luz, um “Novo Pentecostes”, e impulsionadas pelo Espírito Santo somos chamadas a viver no agora da história a experiência de Luísa de Marillac.

Cada reflexão possibilitou-nos ser impregnadas por esta experiência fundante na vida da Companhia e de cada Filha da Caridade. Iniciamos essa caminhada com a celebração da Eucaristia. Ao final, a Irmã Maria Luísa, da Província de Curitiba, caracterizada como Santa Luísa, nos fez mergulhar e rememorar a profunda cena da Luz de Pentecostes. Na sequência, Irmã Dirce Edi Kottwitz, Visitadora de Curitiba, nos acolheu em nome das Visitadoras e Conselhos das três Províncias, lembrando que “Somos Filhas da Caridade! Alegres, confiantes, serenas e iluminadas porque somos iluminadas pela luz de Jesus. Santa Luísa, ao assumir a Luz de Pentecostes em sua vida, passou a ser luz na vida de tantas pessoas que passou a servir. Vocês também são

luzes de amor, de esperança, de alegria e de fé na vida da Comunidade, da Província e na vida das pessoas a que vocês servem”.

No momento seguinte, numa dinâmica de acolhida, embaladas no ritmo da poesia de Milton Nascimento “Bola de meio, bola de gude”, iniciamos os trabalhos de reflexão e de vivências de grupo, a partir de palavras chaves: Respeito, Amizade, Amor e Alegria. Durante a manhã deste primeiro dia, fomos descobrindo os primeiros passos para viver bem nossa vocação como Filhas da Caridade: precisamos dar tempo, priorizar em nossas rotinas uma escuta atenta, respeitosa e que nos faça criar laços de fraternidade. Assim, viveremos uma vocação plena e feliz.

O período da tarde foi marcado pelos temas da Sinodalidade e Ano Vocacional. Numa dinâmica de espiritualidade, as Irmãs da Província de Belo Horizonte, contribuíram com o grupo, fazendo-nos meditar, parte a parte, os ícones do **CORAÇÃO, CAMINHO, CRUZ, AS CHAGAS DOS PÉS DE CRISTO e CHAMA DE FOGO**, temas estes, pautados no 3º Ano Vocacional, centralizados na luz de Cristo e iluminados pelos fragmentos de *Correspondências e Escritos de Santa Luísa*. Fomos provocadas a discernir através dos acontecimentos e escutar os apelos vocacionais e missionários que Deus nos faz no mundo atual.

Em seguida, Irmã Neriuzza Franco, da Província de Curitiba, apresentou pontos de reflexão sobre o tema da Reconfiguração. Partiu do resgate memorial, destacou a importância da caminhada já realizada até o momento, salientou as prioridades assumidas pela Equipe de Reconfiguração: fazer uma agenda da reconfiguração, entrar e permanecer no processo de escuta das realidades de todas as Irmãs e discernir à luz do carisma. Tais reflexões tiveram embasamento no artigo do Pe. Santiago Azcarate Gorri, CM.

Para finalizar este primeiro dia, em grupos de vivências, respondemos às seguintes perguntas.

1) *Como Irmãs Jovens, como vemos esse processo de reconfiguração em nossa província?*

Síntese das respostas: processo lento, falta de informação; resistências de algumas Irmãs em diferentes etapas e idade. Mas também suscita abertura de coração; esperança; oportunidade para ampliar os horizontes missionários da Companhia e a vivência da fraternidade, entre outros.

2) *Nos sentimos parte do processo?*

Síntese das respostas: Todas nos sentimos dentro do processo de reconfiguração desde o início. Já estamos no 7º encontro nesta modalidade Interprovincial. Manifestamos o desejo de continuarmos sendo ouvidas, inclusive com a sugestão de que uma Irmã Jovem faça parte do grupo de reflexão a respeito da Reconfiguração.

3) *Desafios a serem enfrentados quando a reconfiguração se tornar realidade.*

Síntese das respostas: lidar com a diversidade de culturas, gerações, gestão e burocracia em obras e realidades bem complexas; redução de comunidades e ampliação de campo missionário.

4) *Quais são as expectativas e esperanças com esse processo?*

Síntese das respostas: fortalecimento do carisma, qualificação da missão; maior liberdade e espírito missionário; oportunidade de retomar valores como simplicidade, acolhimento, desapego, universalidade do carisma; maior leveza e prioridades aos pobres na administração das obras.

5) *Qual a contribuição que grupo de Irmãs jovens pode dar neste processo de reconfiguração?*

Síntese das respostas: disponibilidade das “idas e vindas,” experiência e habilidades profissionais compartilhadas; contribuir nas reflexões junto às comunidades, mas também junto aos leigos; partilha do carisma junto aos diversos ramos da Família Vicentina, às Irmãs em formação inicial e vocacionadas.

Já na manhã do dia 08, os momentos orantes foram conduzidos pela Província do Rio de Janeiro. As Irmãs nos convidaram a acender a chama do carisma em nossas realidades de missão, confiando nos apelos da Igreja no Brasil, que também deseja realizar o *Ephata* da Sinodalidade.

Posteriormente, refletimos sobre os Fundamentos do DISCERNIMENTO, com a mediação do Pe. Agnaldo Barbosa, SJ, buscando fazer um caminho de reflexão à luz dos documentos da Igreja, do Papa Francisco e de Santo Inácio de Loyola. Pe. Agnaldo iniciou com o belo poema: “Nada para pedir-te”, de Benjamim Gonzales Bueta e um grande convite a olhar a realidade da comunidade, tomando consciência dos pensamentos e das possibilidades que fazem o cotidiano da vida comunitária acontecer. Em tudo há um processo de discernimento que nos convida a dar respostas concretas à vida que pulsa na missão.

Fundamentados pelo texto bíblico de Isaías 55,6-9, continuamos construindo este momento reflexivo, redescobrimos que DISCERNIMENTO = CONHECER a Deus, a si mesmo e a realidade do outro. Esse processo “é uma atitude espiritual e uma graça; um exercício constante de radicalização no Senhor”, afirmou o Pe. Agnaldo. A Igreja na América Latina descobriu isso, de uma forma muito lenta, mas profética, essa foi a conclusão que permaneceu, após assistirmos o filme: “Do Pacto das Catacumbas a Francisco”.

Nessa caminhada de discernimento, é preciso descobrir nossas vontades, afetos e capacidades para, a partir da Palavra de Deus, do magistério da Igreja e das Regras e Estatutos institucionais, tomar decisões proféticas que contribuam na continuidade e fidelidade à missão de Jesus Cristo. Que grande graça se nos deixamos conduzir numa atitude aberta, dialogal, perscrutadora, de espera e disponibilidade, sem nos anteciparmos ao Espírito.

O período vespertino foi de reflexão sobre a “Luz de Pentecostes e o caminho de discernimento de Luísa de Marillac”, com a Irmã Raquel Colet, da Província de Curitiba. Fomos convidadas a olhar para o nosso discernimento e o de Luísa na Luz de Pentecostes a partir dos três verbos norteadores do encontro – Escutar, Discernir e Partir – construindo um mapa mental sobre cada um deles.

O Escutar nos recorda a Promessa de Deus, contida, por exemplo, em “Farei de ti... Te abençoarei.” (Gn 12,2); “Eis que estarei convosco...” (Mt 28,20) e “Tempo viria em que...” (SLM, EE3). Ou seja, nosso caminho de escuta precisa ser alimentado na mesma certeza de Luísa, Deus permanecia com ela e a ensinava tudo.

O Discernir desperta a Pertença, compreendida em: “Se achei graça a teus olhos, ó rei, e se ao rei lhe parecer bem, concede-me a vida – eis o meu pedido; salva meu povo – eis o meu desejo” (Ester 7,3); “Nisso todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35) e “Numa pequena comunidade... o mesmo” (SLM, EE3) Olhamos, assim, para o chamado de Deus a sermos Filhas da Caridade, cujo pertencimento se revela no discernimento ancorado na fidelidade ao Carisma.

Por fim, o Partir como Profecia, já em “Antes que no seio fosses formado, eu já te conhecia; antes de teu nascimento, eu já te havia consagrado, e te havia designado profeta das nações... Replicou, porém, o Senhor: Não digas: ‘Sou apenas uma criança’: porquanto irás procurar todos aqueles aos quais te enviar, e a eles dirás o que eu te ordenar” (Jr 1,5.7); “Curai os enfermos que nela houver

e dissei-lhes: O Reino de Deus está próximo” (Lc 10,9) e “Haveria idas e vindas” (SLM, EE3). É preciso partir, com qualidade, disposição, inteireza de coração para que nossa presença seja de testemunho e profecia. Irmã Raquel nos exortou a olharmos a Luz de Pentecostes com liberdade, gratuidade e responsabilidade, percebendo, também, quais compromissos isso nos leva a assumir no processo de Reconfiguração. Lembrando a conclusão de sua fala: “Deixemos que nossa vida seja uma caixa acústica onde Deus ressoe.”

A noite do dia oito e todo o sábado foram marcados por momentos alegres de convivência, partilha e fortalecimento de vínculos. Na noite da sexta, participamos da Celebração Eucarística no Seminário Vicentino Nossa Senhora das Graças, seguida de jantar e confraternização. É belo perceber o quanto somos alegres e fortes quando caminhamos como Família Vicentina. Já no sábado, logo de manhã fomos para o Recanto São Vicente de Paulo, onde celebramos a Eucaristia e convivemos fraternalmente. Na parte da tarde, conhecemos o Museu do Colégio Vicentino São José, voltando assim aos fundamentos da Província de Curitiba. Gratidão a Irmã Leonides Selhorst e comunidade por nos acolherem com tanto carinho.

Para finalizar nosso encontro, convivemos com a Comunidade Marta e Maria, ouvindo bonitas histórias das Irmãs que nos precederam e testemunham a alegria da doação. Antes de retornarmos aos nossos campos de Missão, não poderíamos deixar de entoar numa só voz o *Magnificat*, como gratidão por tudo o que vivemos nesses dias.

Nossa profunda gratidão às Visitadoras e Conselhos Provinciais, às Irmãs de nossas Comunidades, às Irmãs Jane Carla, Bernadete e Neriuzza, ao Pe. Agnaldo e Irmã Raquel Colet, a Irmã Loreni Strada, a Irmã Leonides Selhorst, aos Padres Marcos, Ilson, Leandro e Seminaristas e, na pessoa da Irmã Cleonice, a todas as Irmãs da Casa Medalha Milagrosa.

Somos gratas por todos que contribuíram para que o encontro se realizasse com momentos de orações, partilhas, reflexões e grande alegria para todas nós. Que a Caridade de Cristo Crucificado continue a nos impelir!

REUNIÃO ANUAL DA PROVÍNCIA

Ir. M. Bernadete G. Pinho, fc

De 06 a 08 de outubro ocorreu a Reunião Anual da Província, contando com a participação de 26 Irmãs (Irmãs Serventes e Irmãs indicadas por suas Comunidades) e do Padre Vandeir Barbosa de Oliveira, Diretor Provincial.

A Reunião iniciou-se com a Eucaristia no Santuário da Medalha Milagrosa, a que se seguiu a abertura com a palavra da Visitadora, Ir. Selma Aparecida dos Santos e a invocação do Espírito Santo.

Para contribuir com a Formação das Irmãs, Pe. Vandeir desenvolveu o tema “O Serviço da Autoridade a partir do Guia da Irmã Servente”.

Ir. Selma apresentou a caminhada da Província (estatísticas), seguida da apresentação do Economato pela Ir. Rizomar Bonfim Figueiredo. Através de pequenos vídeos e/ou partilhas também foram apresentados alguns serviços organizados na Província: Comunicação, Site, Museu, Biblioteca, Restauração e Boletim Informativo.

No sábado, após a Eucaristia e o café da manhã, Ir. Sandilene Bocafoli, Ir. Bernadete Pinho e Ir. Selma Aparecida dos Santos apresentaram a caminhada da Comissão de Formação, desde o SAVV até a Formação Permanente.

Ir. Maria Aparecida Ramos partilhou a caminhada da FAMVIN Nacional, destacando o Encontro Internacional no Panamá do qual ela teve a graça de participar. Ir. Faride Dutra apresentou a caminhada da FAMVIN – Regional Rio.

Na sequência, Ir. Rizomar apresentou a caminhada dos Projetos Sociais desenvolvidos na Província: Projeto Maria Solidária, Centro de Atendimento aos Refugiados, Projeto Portas Abertas, Projeto Promove Sepetiba, Projeto Partilha e Projeto 13 casas. Também foram apresentados os Projetos de Sustentabilidade: Padaria Pão Nosso Delícias Solidárias, Cafeteria São Vicente, Estacionamento Stop, Confecção Santa Luísa de Marillac, Lojinha Nossa Senhora das Graças.

Neste dia também foram apresentadas as caminhadas da Comissão Saúde/ Idosos, por Ir. Maria Aparecida Cirico, assim como a caminhada das nossas escolas e Centros de Educação Infantil, apresentada por Ir. Maria da Penha Andreon.

Ir. Maria Aparecida Cirico também partilhou a caminhada da Comissão Intercontinental de Direitos Humanos da qual faz parte, assim como sua

participação no Seminário sobre Tráfico de Pessoas e Migração na América Latina e no Caribe e no Encontro da Comissão Intercontinental, ocorrido na Guatemala, em agosto.

Ir. Sandilene Bocafoli apresentou a caminhada da Comissão de Proteção a Crianças, Adolescentes e Adultos Vulneráveis.

No domingo, após a Eucaristia e o café, com a apresentação de Ir. Maria Aparecida Cirico, tivemos a oportunidade de nos inteirmos sobre o percurso que o Hospital São Vicente de Paulo vem fazendo, tendo sido colocados alguns pontos marcantes: a criação do Espaço Saúde Vida (atenção primária para a saúde dos colaboradores), a caminhada para Certificação de Enfermagem, o Projeto Médico Hospitalista, o trabalho da Humanização, o Serviço Social e os Projetos Sociais, entre eles, o apoio aos pacientes atendidos no INCA e o projeto para a doação de alimentos preparados no HSVP.

Ir. Sandilene Bocafoli também apresentou a caminhada das CIMPs. Ir. Maria Cristina D'Abruzzo partilhou conosco o acompanhamento e a formação que vem desenvolvendo junto às afiliadas. Por fim, Ir. Adriana de Souza Viana apresentou a caminhada da JMV.

Por tudo isso demos graças a Deus, encerrando a Reunião com a oração do Ângelus e um saboroso almoço.

◆ ENCONTRO DAS IRMÃS JUBILARES ◆

Nos dias 09 e 10 de novembro, as Irmãs Jubilares tiveram a oportunidade de se encontrarem na alegria para celebrar tão bonita data vocacional. Tempo de renovada gratidão a Deus pelo chamado, pelo Sim cotidiano, pelos desafios e por todos os que fizeram parte da caminhada. O encerramento do Encontro foi marcado por uma bonita Celebração Eucarística. No dia 11, algumas Irmãs Jubilares prosseguiram a celebração na casa da Mãe Aparecida, integrando a Romaria que encerrou o tempo forte do 3º Ano Vocacional que vivemos, com a Igreja, em nossa Província, e celebrou os 4º centenário da Luz de Pentecostes de Santa Luísa de Marillac.





Em gratidão por tudo que Ihes foi proporcionado neste ano jubilar, as Irmãs que celebraram seus 25 anos de Vocação deixaram a seguinte mensagem:

Rio de Janeiro, 17 de novembro de 2023.

“O Senhor vai acendendo luzes, quando vamos precisando delas...”

“A Escritura nos diz que, quando Deus escolhe alguém para uma vocação particular, Ele se compromete a mostrar-lhe o caminho. Pouco a pouco, à luz do Espírito, o caminho se faz” (C.49). O motivo desta carta é bastante simples: GRATIDÃO!

Após 25 anos de Consagração, na Companhia das Filhas da Caridade, ainda nos emocionamos e nos surpreendemos com cada detalhe de acolhida e carinho a nós manifestado por ocasião de nosso Jubileu de Prata. Outras já caminharam mais e além, todavia, é preciso celebrar e agradecer as inúmeras delicadezas que a Província teve para conosco.

Sabemos que o dia a dia, independentemente da missão assumida, é exigente e traz consigo alguns dissabores, desafios e até mesmo fracassos. Corremos o risco de nos acostumarmos ao corre-corre e à rotina e não darmos o devido valor à busca de fidelidade diária, apesar do passar do tempo. O momento de celebração do Jubileu, para nós, foi algo mágico e, ao mesmo tempo, muito real e concreto. Pudemos rezar nossa caminhada e agradecer ao Senhor por nos ter sustentado até aqui, cercado nossa vida de muita alegria e realizações, apesar das cruzes inevitáveis da vida.

O momento de Adoração ao Santíssimo, vivido em comunidade de caminhada, com a presença da Visitadora, da Conselheira Geral e de algumas outras Irmãs amigas que lá estavam foi um momento muito forte. A ornamentação, as palavras, os detalhes... Tudo falava do amor de predileção que o Senhor nos tem. Somos gratas por terem pensado em nós com tanto carinho!

As orações, a Missa, a festa, os presentes... tudo foi recebido de forma toda especial por cada uma de nós. É muito bom fazer parte! É muito bom resgatar a história e caminhada percorrida até aqui! É muito bom traçar metas para o futuro, buscando santidade de vida e maior fidelidade a Deus e à Companhia, na missão que nos é confiada!

A ida ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida foi um ponto alto!!! A alegria da viagem, o kit, o hotel, a Missa transmitida, o jantar festivo... Que alegria celebrar o Jubileu no ano em que a Companhia celebra os

400 anos da Luz de Pentecostes!!! Não temos palavras para expressar nossa gratidão!

Obrigada, de forma especial, Ir. Selma, por sua presença irmã entre nós: presença que partilha, que celebra, que se põe a serviço e que está sempre atenta aos detalhes. Agradecemos à Província do Rio de Janeiro por nos proporcionar essa celebração tão linda! Com Catarina, cantamos: *“Que momentos tão felizes, o que senti não saberei descrever...”* GRATIDÃO é a palavra que nos define.

Irmãos Jubilares de 25 anos de Consagração
(Acho que podemos falar pelas outras também...)

◆ ROMARIA AO SANTUÁRIO ◆ DE NOSSA SENHORA APARECIDA

Ir. M. Bernadete G. Pinho, fc

No dia 11 de novembro de 2023, Filhas da Caridade de quase todas as Províncias do Brasil se dirigiram ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida em romaria, para celebrar o 3º Ano Vocacional em união com a Igreja e o 4º Centenário da Luz de Pentecostes de Santa Luísa de Marillac.





Na programação, a Celebração Eucarística às 18h, presidida por D. Amilton Manoel da Silva, CP, Bispo da Diocese de Guarapuava/PR. D. Amilton é membro da Comissão Pastoral Juvenil da CNBB e membro da Comissão para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.

A missa foi concelebrada por Pe. Eli Chaves dos Santos, CM (Visitador da Congregação da Missão), Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM (Diretor das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro), Pe. Ilson Luís Hubner, CM (Diretor das Filhas da Caridade da Província de Curitiba), Pe. Clístenes Natal Bóscio, CM (Diretor das Filhas da Caridade da Província do Recife) e pelo Pe. Luís Hernando Gil Yepes, CM (Diretor Espiritual do Seminário Missionário Bom Jesus).



Ir. Ana Amélia Guedes da Cunha (Conselheira Geral da Língua Portuguesa) representou a Casa Mãe. Cerca de 93 Filhas da Caridade, de 5 províncias do Brasil (exceto Amazônia), estiveram presentes, assim como 6 afiliadas da Província do Rio de Janeiro.

Em sua homilia (conf. Seção Formação Permanente), D. Amilton tocou o coração de cada Filha da Caridade que esteve presente no Santuário, assim como de tantas que acompanharam a celebração pela TV Aparecida. Após a missa, participamos de um jantar festivo no Hotel Rainha do Brasil.

Por tudo isso, demos glória a Deus!



◆ FESTA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS ◆

O mês de novembro de 2023 foi muito abençoado com a Novena e grande Festa em honra a Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa realizadas no Santuário na Tijuca/RJ.

Sob o tema “Com Maria, caminhamos à luz de Pentecostes” e o lema “Faça-se em mim segundo a Tua palavra”, os fiéis juntos com as Filhas da Caridade, que cuidam de forma tão carinhosa do santuário de Nossa Senhora, rezaram todo este tempo de 18 a 27 de novembro, com muita piedade, clamando pelo Espírito Santo de Deus à renovação dos dons para o serviço ao próximo, como Nossa Senhora nos ensina e também nossa querida Santa Luísa de Marillac que há 400 anos recebeu a inspiração de sua caminhada de fé.

O Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro Dom Orani João Tempesta juntamente com Dom Frei José Ubiratan Lopes, Bispo Emérito de Itaguaí, Dom Roque Paloschi, Arcebispo de Porto Velho – RO, Dom Roberto Lopes, Vigário Episcopal do Rio de Janeiro, Frei Jorge Luiz de Oliveira, Reitor e Pároco do Santuário Basílica de São Sebastião do Rio de Janeiro, o Reitor do Santuário de Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa Padre Vandeir Barbosa de Oliveira e Padres da Congregação da Missão presidiram as Celebrações Eucarísticas nesse tempo de renovação da esperança e de alegria em louvar nosso Deus por ter nos dado uma mãe muito especial, Maria, a Mãe das Graças.

Ó Maria Concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós!







● EDUCAÇÃO VICENTINA PARA TODA VIDA: ● 170 ANOS DE PRESENÇA NO RIO DE JANEIRO.

*Ir. Maria da Penha Andreon, fc
João Carlos Rodrigues Junior (pastoralista do CIC)*

A Rede Vicentina de Educação é uma expressão da missão da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, fundada em 1633, em Paris, por Santa Luísa de Marillac e São Vicente de Paulo.

A experiência de fé de Vicente e Luísa levou-os a reconhecer em cada pessoa pobre, marginalizada e excluída a presença de Jesus Cristo: “virai a medalha e vereis pelas luzes da fé que o Filho de Deus, que quis ser pobre, nos é representado por esses pobres” (São Vicente de Paulo XI, 33).

Desde a sua fundação, as Filhas da Caridade, além de servirem aos pobres doentes em suas casas, se comprometeram com a educação das meninas pobres. Considerando que, no século XVII, o acesso à educação era restrito às classes mais favorecidas, coube à Luísa de Marillac a organização pedagógica e a formação das educadoras que atenderiam as crianças em situação de risco social, a classe menos favorecida.

Sua motivação está clara na petição de autorização para a abertura da primeira escola vicentina, em Paris, em 1641: “que o grande número de pobres existentes no subúrbio de São Dionísio inspirou-lhe o desejo de ocupar-se de sua instrução... Deus será glorificado, se os pobres puderem enviar livremente suas filhas à escola, sem ter que pagar quantia alguma e sem que as pessoas ricas lhes possam impedir tal benefício, não querendo que as mestras que ensinam às suas as recebam em suas classes com tanta liberdade” (Santa Luísa de Marillac, C. 48).

À medida que as Filhas da Caridade ampliaram sua presença e atuação em diversos lugares na França, e depois em vários países, sua ação educativa se expandiu, fazendo da Educação Vicentina uma rede de educação internacional que visava sempre ao serviço de Cristo nos pobres. Foi assim que as primeiras Filhas da Caridade chegaram ao Brasil em 1849, para cuidar da educação de meninas na cidade de Mariana/MG.

Convictas de que “a arte das artes é a direção das almas” e de que “foi essa a ocupação do Filho de Deus na terra” (São Vicente de Paulo, XI, 351), as Irmãs expandiram sua ação educativa em todo o Brasil.

O ensinamento de São Vicente de Paulo as estimula e orienta desde então:

“A Companhia, minhas Irmãs, tem ainda por fim instruir as crianças das escolas no amor de Deus, o amor das Filhas da Caridade não é somente terno, é efetivo porque servem efetivamente os pobres, corporal e espiritualmente. Estais obrigadas a ensinar-lhes a bem viver” (ibid., p. 196).

Educação é tudo aquilo que dialeticamente favorece o sujeito, na realização de si e do seu desenvolvimento (*educere*) e diz respeito à intervenção (*educare*) do ato educativo. Na raiz da palavra há, portanto, uma relação entre os dois termos, que revela uma dupla concepção, podendo ser identificada a sua complementaridade, quando um nos remete ao outro.

A Educação Vicentina percebe o mundo como uma realidade em contínua transformação. A partir da perspectiva pedagógica que lhe é própria, as instituições educacionais vicentinas buscam proporcionar aos educandos o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades, bem como incentivam uma intervenção social significativa, numa perspectiva transformadora da realidade (Projeto Educativo 2017, pág. 32).

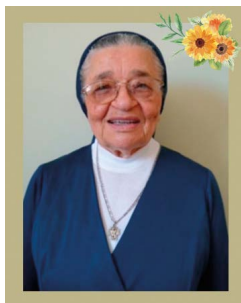
No dia 08 de dezembro, tivemos a graça de abrir o Jubileu de 170 do Colégio da Imaculada Conceição, tempo em que se celebrarão também os 170 Anos de Presença das Filhas da Caridade na Missão Educativa, no Rio de Janeiro. A Eucaristia que marcou este momento contou com a presença de alunos e familiares, professores, colaboradores, além de ex-alunos. Momento de agradecer e alegrar-se pela missão que continua nos passos de Vicente e Luísa.



NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI

Ir. Raimunda Izabel de Jesus Morais

Filha de Antônio Ricardo de Morais e Izabel Maria de Jesus, nasceu no estado do Ceará no dia 15 de dezembro de 1928. Atraída para a vida consagrada, no ano de 1953, ingressou na Companhia desejosa de doar-se totalmente a Deus no Serviço dos Pobres.



Ir. Izabel tinha uma piedade sólida, era alegre, brincalhona, bem-humorada e muito comprometida com a missão a ela confiada. Na sua doação total a Deus, viveu os votos na alegria e na fidelidade.

O seu espírito apostólico marcou positivamente muitas pessoas com quem se encontrava, principalmente, nas atividades de Pastoral no Hospital, sempre confortando os doentes e seus familiares.

Atendendo aos apelos de Deus e da Província, serviu os pobres e doentes nas seguintes casas:

- Obra Social - Vitória/ES
- Santa Casa de Misericórdia - Vitória/ES
- Obra Social Santa Luísa de Marillac - Bom Jardim/RJ
- Hospital São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ
- Casa Mère Blanchot - Rio de Janeiro/RJ

A 10 de setembro de 2023, dia em que celebramos o Dia do Senhor, Ir. Izabel fez sua Páscoa definitiva, aos 94 anos de idade e 70 anos de vocação.

Ir. Luíza Rodrigues de Oliveira

Nasceu na cidade de São Carlos do Pinhal, São Paulo, no dia 05 de março de 1928. Filha de José Rodrigues Oliveira e Maria Francisca Oliveira. Recebeu o sacramento do Batismo no dia 08 de abril de 1928.

Com o desejo de se dar inteiramente a Nosso Senhor, aos 22 anos de idade, ingressou na Companhia das Filhas da Caridade no dia 11 de abril de 1950 e foi enviada em missão no dia 10 de março do ano seguinte.



De piedade sólida, esforçava-se para crescer na experiência de Deus e ser uma pessoa de oração. E querendo ratificar sua consagração a Deus fez os votos pela primeira vez no dia 01 de maio de 1955.

Muito feliz em sua vocação, tinha certeza de que era o caminho certo e seguro a seguir. Procurava doar-se conforme suas capacidades, amava muito suas companheiras, respeitando-as como irmãs em Cristo. Não media esforços para animar e participar da vida comunitária, pois tinha convicção de que esta é o sustentáculo da missão. Vivia intensamente seus compromissos com o Projeto Comunitário.

Muito dedicada e disponível, ajudava as Irmãs de sua Comunidade, mantendo-se sempre pronta para escutá-las. Na vida comunitária era instrumento de paz. Ir. Luíza era delicada no trato com as pessoas, cordial, serviçal e caridosa, além de testemunhar um grande amor à vocação e ao pobre.

Dedicou-se inteiramente à missão, servindo incondicionalmente Jesus Cristo na pessoa de crianças em situação de vulnerabilidade e risco social nas seguintes Casas por onde passou:

- Porto Alegre
- Cuiabá
- Dispensário da Medalha Milagrosa - Rio de Janeiro/RJ
- Fundação Romão de Matos Duarte - Rio de Janeiro/RJ
- Creche Catarina Labouré - São Paulo/SP
- Creche Nossa Senhora da Consolação - São Paulo/SP
- Casa Mère Blanchot - Rio de Janeiro/ RJ

No leito do Hospital São Vicente de Paulo, no dia 3 de dezembro de 2023, com 95 anos de idade e 73 anos de vocação, o Senhor a chamou para contemplá-lo face a face.

Que Deus a receba na feliz eternidade e nos ajude a nos preparar para essa hora.

SOLIDARIZANDO-NOS COM AS NOSSAS IRMÃS NA DOR



- Ir. Maria Conceição Milagres - cunhada
- Ir. Maria Elizabeth Dieguez Santos - irmão
- Ir. Dirce Edi Kottwitz (Visitadora da Província de Curitiba) - mãe
- Ir. Inês Cândida da Silva - tia (Ir. Eva Emerenciana da Silva, fc Província de Belo Horizonte)



ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA
SÃO VICENTE DE PAULO
FILHAS DA CARIDADE

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO



O MARIA CONCEBIDA SEM PECADO, ROGAI POR NÓS QUE RECORREMOS A VÓS

Rua Dr. Satamini, 333 - Tijuca - Rio de Janeiro - CEP 20.270-233
Telefone: (21) 2563 9450 - filhasdacaridadeterj.org.br